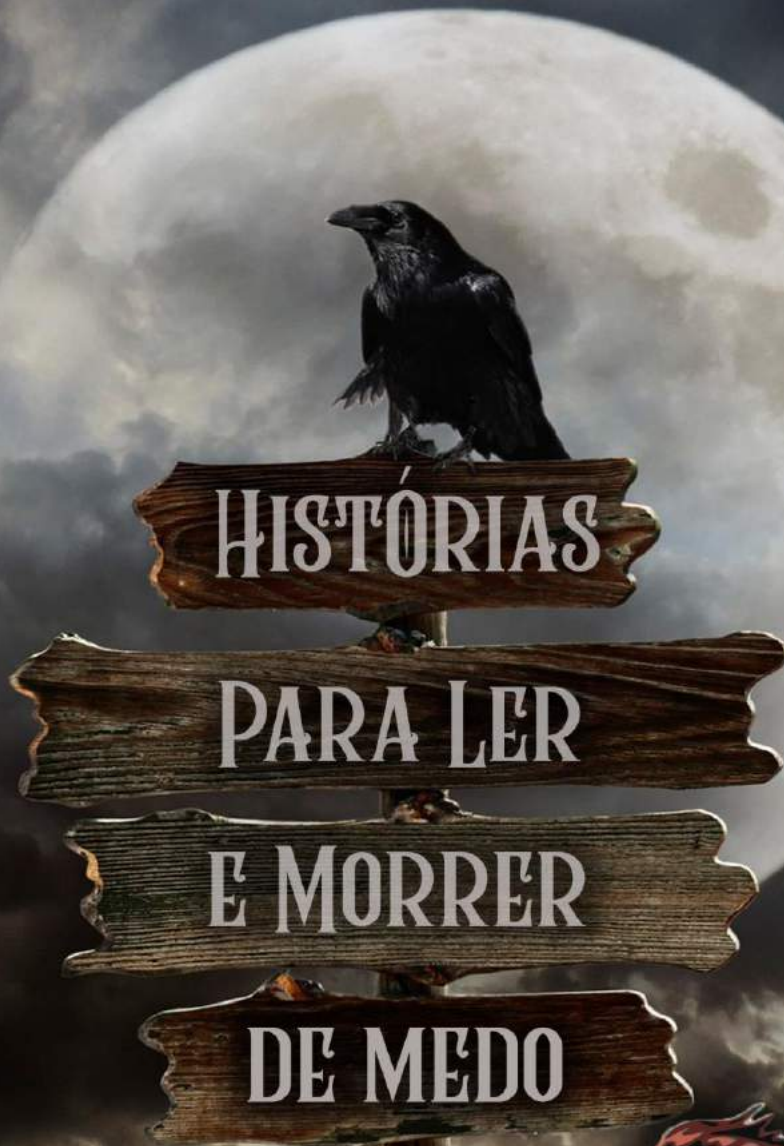


ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



SELO
CONEXÃO LITERATURA

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2020

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



SELO

CONEXÃO LITERATURA

SUMÁRIO



CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS

- Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04**
O relato da Sra. Maria di Santoriello, por Ademir Pascale, pág. 05
A figura no jardim, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 11
Não olhe nos olhos dela, por Wilde Green, pág. 14
A mulher da praia, por Katia S. Parente, pág. 16
O chifre da cabra, por Ney Alencar, pág. 22
Olhos da escuridão, por Míriam Santiago, pág. 29
Sempre comigo, por Dara Pinheiro, pág. 36
Turno da noite, por Victor Galdino, pág. 41
Os cães de Valador, por Evelyn Veiga, pág. 48
Ouija contemporâneo, por William F. Eugênio, pág. 51
Feche a porta, meu filho, por Wilde Green, pág. 57
Casa dos mortos, por Aline Lauxen, pág. 64
A loira do banheiro, por Nancy Srcalett-Hayalla, pág. 69
Uma volta e três quartos, por Dara Pinheiro, pág. 73
O espelho sem face, por Evelyn Caroline de Mello, pág. 80
A bengala, por Mariana Bernicchi, pág. 84
Quadros no corredor, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 89
O gato amarelo, por Rozz Messias, pág. 95
Quando os mortos se levantaram, por Roberto Schima, pág. 99
O guardião da tumba recomenda, pág. 106

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

É com muito orgulho que apresento, juntamente com o Guardiã da Tumba, o e-book Histórias para ler e morrer de medo, uma coletânea com contos que farão até os mais fortes estremecerem.

Sempre fui apaixonado por histórias de terror, seja em filmes, livros ou nas HQs, destacando a Cripta. Alguns autores e leitores já conhecem o meu trabalho, outros estão conhecendo agora. Comecei nessa caminhada em 2008, quando participei de uma antologia intitulada Caminhos do Medo, da Editora Andross. Tinha sido a minha primeira publicação e recordo que quando recebi a notícia que o meu conto seria publicado, passei a noite inteira acordado. Era o meu sonho publicar uma história num livro e depois disso não parei mais. Espero muito ter forças para continuar nessa jornada até o fim da minha vida, então se você quer algo, lute por isso, pois pode ter certeza que as conquistas lhe aguardarão.

Agora o leitor poderá conferir 19 contos, alguns escritos durante a Lua Cheia, outros criados durante os piores pesadelos.

Histórias fictícias (ou não), isso você decidirá. O Guardiã da Tumba irá conduzi-lo durante a leitura dessas páginas profanas, mas fique atento e não segure em sua mão, pois ele poderá levá-lo para caminhos jamais vistos por olhos humanos.

Espero que curtam essa obra. Tenham uma ótima leitura!



Ademir Pascale - Escritor e Editor

www.edgarallanpoe.com.br

www.revistaconexaoliteratura.com.br



O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Relato da Sra. Maria di Santorietto

POR ADEMIR PASCALE

Sinopse: Giuseppe, um historiador italiano, descobre que nem tudo que é citado nos livros é ficção ou imaginação de escritores criativos. E que o preço pela ganância pode acabar fazendo alguém perder a alma.

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do livro "Aquela Casa" (Editora Verliedelas). Mantem o site: www.edgarallanpoe.com.br em homenagem ao seu grande mestre. Contato: ademirpascale@gmail.com

Pádua, 16 de setembro de 1938.

Giuseppe Pasqualetto é o meu nome. Nasci no ano de 1905 na província de Pádua, Itália. Sou um jovem historiador e estou sempre em busca de elementos históricos que expliquem a minha existência. Confesso que meus achados arqueológicos foram muitos: antigas obras, cartas e artefatos ritualísticos. Doei a maioria destes objetos para o estudo em museus e universidades da Itália, onde também são usados para a simples contemplação dos interessados e da chamativa para o turismo local. Mas, entre estes achados, destaco uma carta datada do ano de 1627, escrita por uma religiosa da cidade de Pádua, chamada Maria di Santoriello. Todos os indícios indicam veracidade, mas pelo fator sobrenatural agregado, preferi guardá-la comigo, pois este tipo de achado geralmente não vai para os museus ou universidades, mas para o estudo da principal igreja *sui iuris* do Vaticano, jamais sendo exposto ao público.

Sempre soube, através de relatos, da existência do diabólico livro *Necronomicon*, que, no ano de 1232, foi banido e destruído pelo Papa Gregório IX. Alguns historiadores acreditam que este livro foi uma invenção do criativo escritor norte-americano H. P. Lovecraft, mas, tenho provas concretas de que não foi, pois restou uma cópia do original em latim que se encontra em meu poder. Encontrei este livro dentro da tumba da Sra. Maria di Santoriello, uma jovem recém-casada, provavelmente esposa de um dos homens mais ricos da região no século XVII, devido aos luxuosos ornamentos em estilo gótico da capela onde encontrei sua tumba. O livro estava bem conservado, devido à reforçada capa de couro. Confesso que li poucas linhas deste livro que cita nomes de mestres infernais, apresenta pentagramas de invocação e um mapa detalhado do próprio inferno, outra característica que me fez acreditar ainda mais no poema épico e teológico *La Divina Commedia* de Dante Alighieri. Mas, dentro desta demoníaca obra, havia uma carta da própria Sra. Santoriello, que reforçou ainda mais a minha convicção na veracidade do *Necronomicon*. Certamente aquela era a cópia do original; talvez a única existente.

A carta que reproduzirei abaixo pode ser considerada como uma história episódica da vida da Sra. Santoriello, pois sua principal preocupação foi descrever os angustiantes fatos de parte da sua vida, e não os valores históricos da obra *Necronomicon* e muito menos os regionais.

Segue a reprodução da carta escrita pela Sra. Maria di Santoriello.

Pádua, 07 de novembro de 1627.

“O Tormento em minha vida iniciou-se há dois dias, quando encontrei um maldito livro, intitulado *Necronomicon*.

Tenho dezessete anos e sou filha de fervorosos religiosos. Desnuda de ornamentos, sem experiência no amor e completamente tímida, sempre tive problemas em meus possíveis relacionamentos. ‘Possíveis’ porque nunca me relacionei com um homem, pois quando estava próxima de um, ele se afastava imediatamente. Além da proibição dos meus pais, os rapazes não sentiam interesse em uma garota como eu... Mas, apesar deste triste relato, saiba que eu tentava me consolar nas preces. A Igreja era minha segunda morada, e já era plano dos meus pais, desde os meus treze anos, que me tornaria noiva de Jesus, uma freira. Por quatro anos vinha tentando retardar este acontecimento; não queria viver no celibato e desejava veemente ser como as outras garotas da minha idade: vivenciar novas experiências e experimentar do fruto proibido, mas o inevitável estava para acontecer, pois meus pais já tinham planejado a minha entrada para o convento com a madre superiora, e minha clausura já era certa, a não ser pelo diabólico plano que tive naquela mesma noite. Plano este que executei com perfeição no dia seguinte. Recordo-me do aroma daquela manhã. O dia estava nublado e o comércio local funcionava normalmente, como todas as rotineiras manhãs de Pádua. Com a Bíblia embaixo do braço e segurando com firmeza um terço, presente dos meus pais, caminhava lentamente e cabisbaixa pelas ruas, um disfarce para o plano que logo colocaria em prática. Chegando ao convento, adentrei a igreja e, como todos os dias anteriores, ajoelhei-me, mas não próxima ao altar como de costume: procurei um lugar mais discreto, próximo à seda rubra de uma grande cortina. Acendi algumas velas e orei boa parte daquele dia. Meus joelhos doíam, pois não estava acostumada a ficar tantas horas naquela posição. Na realidade, pretendia executar meu plano mais cedo, mas faltou-me coragem. Até que, refletindo novamente sobre a minha vida enclausurada naquele convento, sem ao menos sentir os prazeres carnis da vida, um intenso calor tomou conta do meu corpo, e o ódio falou por mim. Esbarrei propositalmente em algumas das velas que acendi e a cortina de seda fez o restante do trabalho. Em poucos minutos, a igreja inteira ardia em chamas. Corri, e como

num drama interpretei a mocinha que fugia desesperadamente em prantos, deixando para trás o terço e a Bíblia para também serem consumidos pelo fogo. Corria e chorava muito, mas ninguém sabia que era de pura alegria, pois o convento inteiro estava ferozmente sendo consumido pelas chamas. No entanto, por mero acaso do destino, ou talvez por castigo devido ao meu último ato, tropecei e caí de joelhos num objeto que um dos padres deixou cair na correria, pois todas as freiras e padres tentavam salvar livros e objetos valiosos do convento. Com os joelhos sangrando muito, olhei para o pequeno obstáculo e notei que era um livro: o *Necronomicon*. Procurei, em vão, o padre que o perdera. Peguei o livro e continuei vagarosamente minha caminhada até minha casa.

O plano deu certo, acabei com o único convento da região. Meus pais se esqueceram momentaneamente dos planos para a minha clausura, e agora eu tinha algo muito valioso em mãos: um livro que poderia me fornecer o poder da sedução e muitas riquezas: o *Necronomicon*.

Ao anoitecer, esperei meus pais irem para os seus aposentos. Tranquei a porta do meu quarto e acendi uma única vela. Retirei o espesso tapete do centro e comecei a riscar o chão com a ponta de uma faca banhada em sangue de animal, assim como orientava o livro. Infelizmente, fui obrigada a sacrificar meu único felino. O pentagrama era complexo e passei mais de uma hora riscando o chão, até que o deixei perfeitamente idêntico ao da ilustração. Ajoelhei-me no centro e com o livro em mãos, iniciei a profana oração... Sentia calafrios e arrepios por todo o corpo. O vento soprava furioso em minha janela, deixando-a completamente escancarada. Por um breve momento, tive que parar a oração para fechá-la e continuar o ritual, mas o que irei descrever foge de tudo o que já vi ou ouvi em toda a minha vida. Após fechar a janela e voltar-me para o pentagrama, já não estava só em meu quarto. Uma imensa criatura de aproximadamente três metros, agachada e praticamente imóvel, contemplava o pentagrama. O estranho ser estava nu, e seu corpo, apesar de humanoide, era coberto por pelos semelhantes aos de um bode, assim como suas patas e chifres. Eu não deveria ter saído do centro do pentagrama, pois segundo o próprio livro, perdi completamente a minha proteção. A besta olhou fixamente em meus olhos, e foi neste momento que visualizei o abismo negro do inferno. Vi as almas penitentes ardendo em chamas, assim como inimagináveis e terríveis criaturas. A invocação estava feita. Ele

estava ali, Meghalabiel, um dos mestres do inferno, pronto para receber minhas ordens que, sem hesitar, proferi: riquezas e um grande amor. Isto bastava...

Com a respiração roufenha, ele rangeu os dentes como um equino, cruzou os braços um sobre o outro, olhou mais uma vez fixamente para os olhos meus e desapareceu numa névoa, deixando um terrível odor de enxofre. Qualquer garota com a minha idade estaria desesperada com tal cena. Eu, muito pelo contrário, estava feliz. Pela primeira vez em minha amarga e odiosa vida, estava feliz. Cobri o pentagrama com o tapete, coloquei o *Necronomicon* embaixo do travesseiro e deitei-me. Não me lembro se sonhei naquela noite, simplesmente apaguei.

(...)

Acordei. Mas não estava em meu quarto, e sim num luxuoso aposento. À porta, uma senhora estranha com o rosto coberto por um véu negro, segurando uma bandeja de prata, que trazia apetitosas frutas. Provavelmente uma serviçal. Sem fazer perguntas, me alimentei rapidamente, e ainda descalça e de camisola, saí do quarto e caminhei sem destino num imenso corredor repleto de quadros e bustos de estranhos guerreiros de outrora, até que avistei ao longe um homem de cócoras. Estou em um palácio. Sim, 'estou' porque escrevo esta carta nesta mesma manhã, e, neste momento, estou trancada em um destes imensos quartos. Consegui sair de casa e me livrar dos meus pais e do confinamento que planejaram para mim no convento. Consegui a tão sonhada riqueza. Mas o amor que me esperava no final do corredor, o homem de cócoras, não era meu amor, muito menos um homem, era Meghalabiel que mais uma vez olhou fixamente em meus olhos, só que desta vez pronunciou palavras terríveis e inumanas: 'Você será a minha eterna noiva, a noiva imortal de Meghalabiel. Basta segurar minha mão para finalizarmos o rito...' Corri, corri como nunca fizera antes. E longe da vista da besta, me tranquei neste quarto e escrevo esta carta, pois sinto que o fim está próximo. Ouço seus estrondosos passos. Ele está abrindo as portas dos quartos, um a um, como um furacão. Os passos estão cada vez mais próximos e logo ele me encontrará, mas antes disto, acabarei com a minha vida, me jogarei da janela deste quarto. É muito triste saber, neste terrível momento, que este é o preço a pagar pelo meu sonho..."

(...)

Sei que é difícil de acreditar nesta história. Mas ainda descontente com os fatos descritos na carta, procurei pelos registros de todos os habitantes de Pádua do século XVII. Encontrei o da Sra. Santoriello, e os mesmos confirmaram o seu suicídio no dia 07 de novembro de 1627. Encontrei também um exemplar raro de um jornal da época, comprovando a destruição do principal convento de Pádua, assim como o suicídio da recém-casada Sra. Santoriello. Nada foi mencionado sobre o *Necronomicon* e muito menos sobre a carta. Embora tenha lido algumas poucas linhas deste maldito livro, acredito que não esteja preparado para lê-lo, assim como nenhum outro ser humano está. Decido neste momento que não irei destruí-lo, mas confiná-lo em um local secreto, para que somente eu, e mais ninguém, saiba do seu paradeiro. Talvez um dia eu esteja preparado e quem sabe, desvende todos os seus segredos sem cair na tentação de possuir riquezas, pois prezo muito pela minha alma.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

A figura no jardim

POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA

Sinopse: Da janela do seu quarto, o personagem vê uma figura no jardim da casa do vizinho, fazendo até então algo aparentemente banal, como cavar um buraco. Mas ao permanecer parado espreitando, vai notar que o buraco tem outra finalidade e ao gritar, quando constata o conteúdo macabro daquele saco preto de plástico, o personagem terá sua vida totalmente mudada, quando a figura no jardim resolve tirar satisfações em pessoa com ele.

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019) e *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020). Organizadora dos livros: *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019), *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequê-Matte, 2019), *Aquela casa* (Editora Verlidelas, 2020) e *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020). Colunista da Revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e colunista da Revista *Conexão Literatura*. Seu mais novo livro se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020).

Da janela do meu quarto dos fundos, é possível ver o muro de trás da casa do vizinho e do lado esquerdo um pequeno jardim de outra casa.

Foi uma tarde, eu me debruçava sobre o parapeito para observar o céu quando eu vi.

Estava de costas. Um grande chapéu de palha cobria toda a cabeça. Usava ao que parecia uma roupa ou um manto vermelho. Aparentemente contemplava o jardim de roseiras bem altas.

Fiquei observando a pessoa e ia desistir, pois o café e o lanche de mortadela me aguardavam na cozinha, quando a figura de repente se abaixou. Fiquei curioso e esperei alguma reação dela ou mesmo que voltasse à posição original.

Subitamente, a figura se ergueu e permaneceu de frente para a janela do meu quarto. Me escondi atrás da cortina. Não pude ver o seu rosto, pois o grande chapéu escondia sua fisionomia. Parecia ser uma velha, pelo seu jeito meio encurvado, os ombros magros, o manto parecia-lhe frouxo no corpo.

A figura saiu, roçando com o braço uma roseira. Não sei por quê, fiquei esperando. Não era meu costume bisbilhotar a vida dos vizinhos, mas achei extremamente curiosa essa pessoa, quem quer que fosse. Na realidade, não conhecia os vizinhos nem da frente nem os que moravam atrás do meu sobrado.

Voltou arrastando vagorosamente algo, parecia pesado, dado o seu esforço de segurar o que quer que fosse com as mãos. Do meu posto de observação, não pude distinguir muita coisa, exceto que a figura empurrava ao que parecia um saco preto de plástico. Talvez adubo ou mistura de terra e areia para plantas ou algo do gênero.

Em seguida, pegou uma pá, que eu não tinha visto, pois o muro que fazia divisa com a casa do vizinho me tirava quase toda a visão, e erguendo-a, acho que para dar um impulso, lançou-a na terra. Várias vezes. Imediatamente, cheguei à conclusão de que a figura estava cavando um buraco. Ouvia o som lúgubre da pá em contato com a terra.

A figura continuava a cavar. De vez em quando, enxugava com a manga do manto vermelho o suor que certamente escorria. Continuou executando essa tarefa durante vários minutos, cavando, cavando.

Eu permanecia à janela, curioso com o desfecho da cena. De repente, me passou pela cabeça a ideia de que a figura estivesse enterrando um corpo. Ha, ha, ha. Só me faltava essa. Isso pode soar bem razoável em filme ou livro, mas na vida real a pessoa se deparar com tal acontecimento é, para dizer o mínimo, fantástico ou surreal, difícil de acontecer. Certo?

E não foi que, antes de a figura empurrar com o pé o saco preto (vi nitidamente o movimento do seu corpo), uma mão se despreendeu dele.

Acho que gritei ao ver e a figura no mesmo instante olhou para cima. Me escondi rapidamente atrás da cortina. Engoli em seco. Nos filmes ou livros, o que é que as pessoas fazem? Ligam para a polícia. Era o que eu ia fazer.

Me virei para ir até a sala pegar o telefone, quando uma figura toda de vermelho apareceu no batente da porta. Tirou o chapéu de palha e eu pude ver o seu rosto.

Contei essa história umas mil vezes, sem mudar uma vírgula, mas os médicos daqui do sanatório balançam a cabeça e afirmam que eu inventei tudo, exceto o corpo de uma velha senhora de manto vermelho, que a polícia encontrou no jardim de rosas do vizinho.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Não olhe nos olhos dela

POR WILDE GREEN

Sinopse: Década de 60, um jovem retorna para casa de madrugada por uma longa rua deserta. Nem tão deserta assim...

Wellington Pinheiro é natural do Rio de Janeiro, tem 36 anos, é professor e dedica-se à literatura de ficção como arte e hobby. Escreve histórias de horror, suspense, ficção científica, realismo fantástico e tramas cotidianas. Publica seus trabalhos no site Recanto das Letras, sob pseudônimo Wilde Green.

Alberto não acreditava em nada. Era arrogante, debochava de nossas orações e chutava as comidas de santo nas esquinas. Naquela noite, ele voltava da farra sozinho pela Rua Primeiro de Maio, às 4 da manhã, jovem, invencível.

Rua deserta, apenas o barulho da correnteza calma do córrego e o vento no bambuzal da várzea. Ele viu uma moça magra, aparência frágil, com um longo vestido preto, sentada num batente, no portãozinho de uma casa. Ela chorava, um choro abafado, sofrido.

— Está acontecendo alguma coisa, moça? — perguntou querendo galantear.

Ela levantou a cabeça e pegou seu braço e o que Alberto viu gelou sua alma. Os olhos e a boca da mulher estavam apodrecidos e a mão que segurava firme seu braço estava gelada como as pedras do rio.

Um grito de desespero rasgou o silêncio do bairro. Alberto se desvencilhou dela e correu o máximo que pôde naquela extensa rua, subindo e descendo pela calçada irregular, mas quando olhava para trás, ela estava a um passo dele, branca, gélida, podre. Ele chegou em casa e rezou até o nascer do sol.

Hoje à tarde, 63 anos depois deste fato, fui à casa dele. Está demente, não me reconheceu. Não lembrava de mais nada sobre nós. "Não olhe nos olhos dela", foi a única coisa que ele me disse. E continuou babando e olhando com um sorriso débil para as manchas negras no teto de sua sala.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

A mulher da praia

POR KATIA S. PARENTE

Sinopse: Júlio é um escritor e foi convidado para trabalhar como goth writer para o ator Wilson Dovaski que está muito doente. A condição é finalizar a obra para publicá-la logo que o ator falecer. Júlio acelera o trabalho, no entanto fica incomodado com uma parte da história, onde o ator diz ter encontrado uma mulher na praia onde faz caminhadas noturnas. Ela não se apresentou, apenas o seduziu e eles fizeram amor na areia. Depois a mulher foi embora e Wilson a via algumas vezes em suas caminhadas, mas nunca mais se tocaram. Júlio fica preocupado em ser uma invenção da cabeça do ator, que sempre atuou em peças de suspense, inclusive escrevendo algumas. Até que se vê envolvido pela mesma situação, seduzido por uma mulher que não sabe se existe.

Katia S. Parente é autora dos livros Em busca da fotografia perfeita (Amazon), A Lenda do Vale Seco (Editora Viseu) e Herança Sombria (Amazon). Participou das antologias Histórias para ler a beira do Abismo (Curso de Introdução a Escrita Criativa) e Aquela Casa (Editora Verlidelas). Tem outros projetos literários em andamento junto com outros autores. É engenheira química e atua na área ambiental, inclusive escrevendo contos fictícios onde aborda temas ambientais.

Sentado em frente a mesa onde seu computador pairava na tela de descanso, Júlio refletia olhando a paisagem. Tinha um livro para terminar e desta vez, havia enroscado. Era o seu primeiro trabalho como *ghostwriter*.

Reservara o mesmo chalé na Pousada Rocha D'Água, localizada no alto de um morro que tinha a vista para a Mata Atlântica e o imenso oceano. Sempre ia para lá quando precisava de tranquilidade para finalizar um livro, mesmo com a previsão de tempo nublado.

O ator Wilson Dovaski estava com noventa anos e bem doente, então ele próprio entrou em contato com uma editora para publicar sua história, mas pediu que isso fosse feito logo após sua passagem para o outro mundo. Como Júlio já era um escritor conhecido, a editora fez o convite, mas explicou que deveria ser um trabalho rápido, para tentar finalizar antes da morte do personagem principal. Júlio achou difícil, mesmo assim aceitou o desafio.

Fez várias entrevistas com Wilson, perguntando coisas sobre sua vida pessoal e seu trabalho como ator. Ele falou muito, apesar do tubo de plástico mandando oxigênio para seus pulmões. Tinha prazer e orgulho em contar sua trajetória. Apenas em um trecho de sua vida, Júlio notou certo receio, até medo vibrando da voz dele; de qualquer forma, gostaria que fizesse parte do livro. E era esse trecho que Júlio precisava finalizar antes enviar para a editora.

Wilson Dovaski nasceu na Rússia e trabalhou para seu país durante a segunda guerra como escrevente nos telégrafos, isto o fez conhecer muitas histórias de vida que ele gostava de ler nas breves cartas enviadas. Veio para o Brasil a convite de uma amiga com esperança de uma vida mais livre e ao chegar foi convidado a trabalhar em peças de teatro. A maior parte com papéis figurantes e com o tempo, ficou conhecido pelas representações que fazia de contos de terror, não muito famosos. Algumas tramas ele mesmo escrevia, dizia que eram visões de seu trabalho na guerra. Soldados fantasmas que voltavam para entrar em contato com a família ou almas perdidas que não encontravam paz em meio a bombardeios. Júlio ouviu todas estas histórias nas entrevistas, ficando bem impressionado com tanta tristeza.

A parte da história de sua vida que deixou Júlio cismado, falava de uma mulher que ele conheceu no início dos anos sessenta no litoral do Paraná, onde viveu durante um tempo. Em uma de suas caminhadas noturnas pela praia, a tal mulher se apresentou a ele

sem dizer seu nome, apenas o seduziu em uma noite sem lua. A escuridão era ameaçadora e o barulho das ondas do mar parecia avançar sobre ele. Lembrou-se de sentir medo quando a viu. Ainda assim, quase como o efeito de um entorpecente, os dois fizeram amor na areia e em seguida ela saiu caminhando, sendo engolida pela névoa que vinha do mar.

Após algum tempo, ele já morando no Rio de Janeiro, a mesma mulher, sem envelhecer nada, o mesmo rosto encantador, aparecia a ele todas as noites que caminhava pela areia da Barra, após representar seus fantasmas nas peças de teatro. O intrigante é que nunca ela chegava perto dele, apenas acenava e sumia.

Ao ouvir essa história, Júlio pensou que o velho estivesse inventando coisas, devia ser uma criação de sua mente já cansada e tão obcecada por histórias de suspense. Wilson Dovaski mostrou a Júlio uma foto em preto e branco da tal mulher, disse que foi ele mesmo quem tirou em umas das noites de sua aparição. Nela havia a imagem do mar no plano de fundo, com as espumas brancas das ondas e na frente, a mulher. Cabelos negros e cacheados que caíam pelos ombros, nariz fino e queixo delicado, bem definido. Uma expressão séria, porém atraente. Usava um vestido longo branco, com rendas costuradas na bainha e mangas três quartos. Júlio pediu licença a ele e tirou uma foto com seu celular.

Na varanda da pousada, após ler o texto desta parte da biografia, ficou olhando para a tela do celular, analisando aquela foto. Parecia muito real, porém ainda tinha dificuldades em acreditar na história do velho ator.

Um vento fresco soprou, tirando Júlio de seus pensamentos. A neblina chegava do mar, cobrindo uma parte da paisagem. Ele se levantou e recolheu suas coisas para apoiar na mesa do lado de dentro do chalé. Em seguida, encostou a porta de vidro que saía para a varanda e neste momento o celular tocou. Era a editora.

— Alô?

— Júlio?

— Sim. Anita é você? O sinal aqui é meio ruim.

— Você se enfiou de novo naquela pousada no meio do nada?

— É disso que preciso para finalizar este livro. Solidão e tranquilidade.

— Tá bom. Então é melhor se dedicar mesmo, porque tenho notícias.

— Que notícias? — Júlio perguntou apreensivo.

— O Sr. Dovaski acabou de falecer. Precisamos publicar o livro!

— Ai, caramba! Achei que teria algum tempo para ele dar uma olhada antes.

— Pois é, mas não deu. Veja se consegue finalizar, você disse que faltava pouco!

— Sim, só um capítulo que me deixou desconfortável. Acho que ele viajou nessa história.

— Não importa, temos as gravações de suas conversas com ele. E também é o nome dele que irá como autor, não o seu.

— Tá bom. Vou acelerar aqui.

Ele se despediu e sentou de frente para o computador. Não tinha muito o que fazer, Anita tinha razão. A história era dele e se alguém lesse e achasse que era mentira, não era problema seu. Júlio fechou o computador e decidiu descansar um pouco. Terminaria a revisão no dia seguinte e enviaria para Anita editar. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Apesar da neblina, o dia ainda estava claro, por isso colocou um agasalho e saiu para caminhar um pouco antes do jantar. Em frente ao seu chalé havia um caminho com uma bifurcação que levava até a praia. Ele seguiu por ali.

Desceu a trilha sinuosa, passando por uma vegetação densa até a metade do caminho, depois eram arbustos baixos que ficavam cada vez mais ralos e sumiam de vez, quando a areia da praia aparecia. Ele tirou suas sandálias e foi beirando a água, andaria por uma meia hora, apenas. Só para espairer.

Júlio ia devagar, curtindo a paisagem e ouvindo o barulho do mar. Até que a neblina cobriu o horizonte e chegou até a praia. A vegetação que havia no morro também foi toda encoberta, parecia que estava nas nuvens. Ele olhou para os lados e decidiu voltar. A maresia úmida deixava suas roupas e seu rosto melados. Olhou para frente e procurou a placa indicando o nome da pousada, estava difícil de enxergar. Tudo era branco ao seu redor. Não identificava onde estava o mar e o morro. Procurou a entrada da trilha, porém não encontrou nada. Começou a ficar tenso. Como voltaria para seu quarto se não enxergava onde estavam as coisas?

De repente, ouviu um uivo estranho vindo de longe. O ruído se confundia com o vento ou uma mulher chorando. Júlio olhou para os lados, porém não podia ver nada além do espesso nevoeiro. O pavor tomou conta de sua mente, não sabia onde estava, nem como faria para voltar. Sentiu uma tontura, como se houvesse perdido o senso de direção. Até que viu um vulto.

Aos poucos a forma escura no meio do fluido denso foi se aproximando, então pôde ver que era uma mulher em um vestido branco. Júlio forçou a vista para tentar ver melhor e seu coração acelerou no peito, sentiu o corpo tremer. Olhando para ele de maneira fixa, flutuava a mesma mulher da foto que olhara antes, em seu celular.

O nevoeiro se tornou ainda mais denso, mal via suas próprias mãos, mas a forma daquela mulher continuava ali, olhando para ele. Ela se aproximou devagar e quando chegou mais perto, Júlio ficou hipnotizado. A descrição que fazia era a mesma que Dovaski fez, sem mudar nada. Um rosto aquilino, bem definido e um olhar sedutor.

Ela chegou mais perto dele com um balançar de corpo impossível de resistir. Júlio se deixou envolver e quando percebeu já estavam se enroscando na areia. Tiraram suas roupas e se beijaram, fazendo amor de forma intensa e rápida. Em seguida, a mulher se levantou, colocou seu vestido sobre o corpo branco sem marcas e saiu caminhando. Do mesmo jeito que apareceu, sumiu.

Em seguida o nevoeiro se dissipou, permitindo a Júlio ver a entrada da trilha que levava até a pousada. Ele caminhou por ela pensativo, ainda sentindo seu corpo entorpecido. Assim que entrou em seu quarto, sentou-se em frente ao computador. Abriu o capítulo que faltava, agora ele acreditava ser possível aquela história louca. Entretanto, surpreendeu-se ao ver que não havia nada disso escrito. Consultou as gravações do Sr. Dovaski e não achou nada falando sobre a tal mulher. Não havia nenhum registro em suas anotações. A foto! Lembrou-se. Pegou seu celular e correu as fotos, em todas as pastas, inclusive a lixeira. Não encontrou nada.

Júlio ficou preocupado, não havia sonhado, tinha certeza que aquilo era real. Ele ouviu Dovaski contar a história e o medo que saía de sua voz!

Ficou sentado olhando para o computador, sem pensar em nada. Até que o cansaço o invadiu e ele dormiu na cadeira, com o pescoço caído. No dia seguinte acordou com o sol batendo em sua janela e alguns pássaros cantando. Seu celular tocou.

— Júlio, bom dia!

— Oi Anita. — respondeu sonolento, massageando o pescoço dolorido.

— E então? Consegue me enviar o arquivo ainda hoje pela manhã?

— Sim, sim. Já estou enviando.

Ele deu uma última olhada em tudo e frustrado, mandou o e-mail. Após algumas semanas o livro estava pronto e publicado. Foi um sucesso de vendas, estimulando os leitores a procurarem outras obras de Wilson Dovaski.

Júlio escreveu muitos romances depois deste, todos de suspense. Cada vez que precisava terminar um deles, ia para a Pousada Rocha D'Água. E caminhando na praia nos fins de tarde, quando a neblina cobria toda a paisagem, ficava esperando para encontrar aquela mulher. No entanto, nunca mais a viu.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

o chifre da cabra

POR NEY ALENCAR

Sinopse: Recife Velho é uma cidade envolta em lendas e mistérios, um deles é o da Cabra Cabriola, um papão devorador de crianças que nas noites escuras entra nas casas em busca de crianças desobedientes.

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo, voluntário em projetos sociais voltados à criança e ao idoso. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná.

"Cabra cabriola
Corre montes e vales,
Corre meninos a pares
Tamêm te comerá a ti
Se cá chegares"

Canção de Ninar Portuguesa

Recife Velho é uma cidade tecida pelas trevas!
Seus casarões velhos e melancólicos estão pejados de escuridão.
Não uma escuridão de falta de luz ou de coisas passadas e esquecidas, mas aquela escuridão terrível da ausência da luz!

Uma escuridão opressora como uma coisa viva e má!

Suas ruas estreitas de paralelepípedos centenários se espalham como raízes de pedra pela terra arenosa em frente ao mar.

Por elas caminham os homens e suas sombras, arrastando-se por suas vidas sem sentido.

E por elas andam também outras coisas, mais antigas que a própria cidade, coisas que ali chegaram e andam e por vezes caçam pelos interstícios entre os casarões.

Jonas nasceu e viveu toda a sua infância em um velho sobrado de três andares na borda da rua Tupinambás, no bairro de Santo Amaro.

Ele não tinha irmãos, vivia ali com seus pais e com Sinhá Esperança, uma senhora espanhola muito velha que estava por ali desde antes deles se mudarem, e as vezes fazia de cozinheira e empregada.

Desde muito pequeno todo fim de tarde Jonas se sentava aos pés de Sinhá Esperança enquanto esta esperava o pão assar no fogão de lenha e ouvia suas histórias de trancoso.

Não eram histórias da carochinha ou mesmo contos bonitos sobre princesas e sapos, eram lendas antigas que ela própria ouvira de sua avó na infância na Espanha de outro século.

Jonas ouvia todas, maravilhado e ao mesmo tempo cheio de temor.

Ele cresceu conhecendo todas aquelas histórias, de fantasmas cruéis e animais fantásticos, de lobisomens tristes e bruxas maquiavélicas, mas a que mais o assombrava era a da Cabra Cabriola, horrível papão devoradora de crianças!

Jonas já sonhara com ela muitas vezes, mas nunca a vira de verdade, nem mesmo nos sonhos, ouvia sim a sua voz rouca e grave e as imitações que a cabra fazia para enganar as crianças que levava e então ele fugia pelos labirintos de sonhos e escapava.

Ele sempre escapava dela.

Pois era um bom menino, obedecia aos pais, fazia as tarefas, não era um mau aluno.

E nas histórias que Sinhá Esperança contava a cabra só levava os meninos desobedientes e malvados.

Um dia Jonas conheceu Estefano.

Ele era filho de um casal de italianos que se mudara para o sobrado vizinho.

Estefano era totalmente diferente de Jonas, era levado demais, desobedecia aos pais e estava sempre fugindo de casa para brincar na rua, não gostava de estudar e várias vezes matou aula para ir empinar pipa no Largo do Chora Menino.

O pai, um italiano grande e vermelho, punia o filho severamente cada vez que descobria suas desobediências, e isso enchia o coraçãozinho de Estefano de mágoa e o fazia ainda mais desobediente!

Se conheceram uma vez em que Jonas viu Estefano espiando pela porta dos fundos que estava entreaberta, enquanto Sinhá Esperança terminava uma história.

Ele havia pulado o muro, fugindo depois de uma surra do pai.

Terminada a história Jonas abriu a porta e convidara o menino para entrar.

Acanhado, pela primeira vez, Estefano ficara mudo.

Então Sinhá Esmeralda riu, uma risada estridente e esquisita que fez os dois pularem de susto e ofereceu pão quente.

Estefano entrou.

Ele voltou outras vezes, sempre na hora que Sinhá Esmeralda estava contando suas histórias.

Se sentava no batente da porta e ouvia e depois comia o pão quente.

Então uma tarde ela contou novamente a história da Cabra Cabriola.

Quando terminou e os meninos foram para o quintal comer pão quente com manteiga

Estefano riu:

— Que lorota essa da cabra, não é?

Jonas ficou bem sério.

— É verdade sim.

— Verdade nada. — riu Estefano — Nossos pais contam isso pra não sermos desobedientes e sempre fazemos o que queremos. Não existe uma coisa dessas não.

— Existe sim, eu já ouvi. — contou Jonas se lembrando de uma vez que acordara de madrugada e escutara passos de casco caminhando pelos paralelepípedos na frente da casa e sentira um fedor horrível de cabra no ar.

Não fora olhar, mas tinha a certeza de que era ela andando pela rua na madrugada, procurando crianças!

— Que nada, é tudo mentira. — falou Estefano confiante — E eu posso provar!

— Como?

— Hoje de noite fujo de casa e venho até aqui acordar você! Se a cabra existir ela vai vir me buscar não é?

Jonas ficou em silêncio.

Não gostava do rumo que a conversa estava seguindo.

— Vamos! — insistiu Estefano — Que mal pode fazer? É apenas uma história pra fazer medo à crianças pequenas! Você não vai me dizer que tem medo dela, vai?

Novamente Jonas ficou em silêncio.

Ele sabia do poder horrível e onipotente que o medo tinha!

O medo fazia possível que aquilo fosse verdade!

O medo se alimentava dele mesmo!

Era canibal!

Mesmo com o sol brilhando no fim da tarde e o céu azul, ali no fundo do quintal pareceu que tudo ficava escuro e um vento frio soprava.

Jonas tremeu, mas ainda não disse nada.

— Você está com medo? — perguntou Estefano olhando o rosto de Jonas intrigado.

Jonas sabia que se dissesse que sim o outro ia rir dele e então ele seria motivo de chacota por toda a vizinhança.

Ele não queria isso.

— Eu não estou com medo! Só não gosto da ideia. — e então teve outra ideia — Porque você não fala pros seus pais que vai dormir aqui e vamos estudar? Aí não precisa fugir de casa.

O outro pensou por um momento.

Não era uma má ideia.

Pelo menos escaparia de levar outra surra do pai.

— Muito bem! — concordou Estefano.

Jonas pediu para sua mãe falar com a mãe do amigo para que este viesse estudar e dormir ali naquela noite.

Com relutância a mãe de Estefano concordou, pensando que talvez aquilo pudesse ser uma mudança no comportamento arredo do filho.

Jantaram e estudaram um pouco de matemática.

Afinal, às nove horas foram para a cama.

Mas não dormiram.

O quarto de Jonas ficava no primeiro andar.

Eles ficaram de luz apagada até quase a meia-noite, conversando baixinho para que os pais de Jonas ou Sinhá Esperança não os ouvissem.

Quando tiveram certeza de que todos já estavam dormindo se levantaram.

Jonas foi até a porta do quarto na ponta dos pés e abriu devagar, não escutou nada no corredor amplo, os pais já estavam dormindo à esta altura, no andar de cima e do quarto de Sinhá Esmeralda, na porta em frente à sua, não vinha barulho nenhum.

Eles desceram a escada e foram para a cozinha.

— Viu? Eu disse que não ia acontecer nada. — falou Estefano rindo — Era tudo invenção só.

Jonas ainda ficou em silêncio.

— E agora o que vamos fazer? — perguntou Estefano — Temos que fazer alguma coisa pra chamar a atenção dela?

Jonas se lembrou as histórias:

— Não precisa fazer nada, ela sabe quem foi malcriado ou desobediente e vem.

— Mas como sabemos que virá hoje? Pode ser que resolva não vir hoje, quem sabe?

Jonas não sabia.

— Vamos sair pra passear. — falou Estefano abrindo a porta dos fundos.

Jonas ficou parado, não queria sair de casa muito menos numa noite escura como aquela.

— Espere! Eu ouvi alguma coisa. — falou Estefano se aproximando da porta entreaberta da cozinha que dava para o quintal dos fundos.

Jonas ficou em silêncio tentando ouvir.

Estefano saiu pela porta e desapareceu na escuridão.

Jonas esperou por um momento, então se aproximou da porta.

— Estefano? Onde você está?

O outro não respondeu.

Jonas se aproximou mais, então Estefano surgiu de detrás de uma parede e o assustou:

— BUUUUUU! — fez o menino caindo na risada logo em seguida.

Jonas assustou-se e caiu pra trás com o rosto branco como cera, o coração quase saindo pela boca.

— Assustei você! — vangloriou-se Estefano ainda rindo — Não tem nada aqui fora! Venha ver!

Lá fora apenas o vento cantava.

Quando ele parou eles ouviram outro som.

Uma voz rouca sibilou um verso monstruoso e as palavras gelaram seu sangue:

“Eu sou a Cabra Cabriola
Que como meninos aos pares
Também comerei a vós
Uns carochinhos de nada.”

Jonas olhou pela fresta da porta entreaberta, por um momento havia apenas escuridão do lado de fora, subitamente algo surgiu dentro da escuridão, algo terrível, que depois ele não conseguiu se lembrar bem como era, mas que lhe infundiu um medo um terror abjeto e mortal, algo que o fez retroceder tremendo.

Um vulto ereto como um homem que parecia ser meio cabra meio monstro, com os olhos em brasa e chifres pontiagudos.

Ele viu Estefano ficar branco de medo e começar a tremer.

Subitamente a porta que dava para o quintal fechou-se sem que nenhum dos dois a tocasse.

Jonas ouviu o grito de Estefano do outro lado e um barulho como se o menino tentasse correr.

Algo grande e pesado bateu contra a porta e Jonas viu a madeira rachar com o impacto.

Tentou abrir a porta, mas ela parecia trancada.

Ele colou o ouvido na porta tentando ouvir o que se passava do outro lado.

Ouviu apenas o choro aflito e convulsionado de Estefano saindo em jorros fortes até que esse foi se quietando até restar apenas um soluço fraco e agoniado.

Ele ouviu a voz horrível falando com Estefano na escuridão do quintal.

A voz gutural soou com um timbre metálico e zombeteiro:

— Se você crescesse iria me chamar por outro nome!

Jonas ouviu um soluço de desespero e sentiu um aperto no coração.

Então restou apenas o silêncio!

Movido mais pela angústia do que pela valentia ele puxou a porta com força e ela se abriu.

Ele encarou a escuridão do quintal vazio.

Apenas o vento frio do começo do outono soprava por ali.

O amigo sumira!

Estefano não foi mais visto.

Os pais ficaram desesperados e a polícia fez buscas na região, mas ele não foi encontrado.

Nunca Mais!

Diziam que ele havia fugido, era um menino muito rebelde e fugira para longe, era o que diziam.

Jonas sabia que não era verdade!

Sabia que o amigo não havia fugido.

Foi a Cabra que o havia pego, ele sabia!

Porque ele ainda se lembrava daquela voz rouca e da quadrinha que ela cantara em um timbre metálico e zombeteiro.

E porque ele vira a marca na porta dos fundos, a marca do chifre da Cabra!





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Olhos da escuridão

POR MÍRIAM SANTIAGO

Sinopse: O conto é sobre o Bebê-diabo dos anos 70. A história começou no Dia das Mães de 11 de maio de 1975, quando um repórter do jornal Notícias Populares, seguindo a pauta em curso, trouxe informações de um bebê que nascera em hospital de São Bernardo do Campo, cidade do ABC Paulista com pequenos problemas de parto, mas a notícia foi modificada na redação do jornal transformando-o no diabo. E a história do nascimento do anticristo, que durou até dia 03 de junho, fez a circulação diária do jornal render de 70 mil para 150 mil. As crianças à época ficaram aterrorizadas o que tornou a história à Lenda Paulistana.

Míriam Santiago: sou jornalista atuando em assessoria de Comunicação. Desde que me formei na Faculdade de Letras, venho publicando livros sobre todos os gêneros literários. Tenho blog cultural, espaço onde apresento contos, crônicas, minicontos e nanocontos. O blog é sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros. Aproveito a página para entrevistas, lançar novos autores de poesia e prosa e ainda dicas de livros.

Rajadas de vento com intensidade de até 90 quilômetros por hora, chuva forte e com granizo levam terror e prejuízo aos moradores da cidade de Santos por 40 minutos. Em torno de 100 mil pessoas foram prejudicadas pela interrupção no fornecimento de energia elétrica, segundo a CPFL.

Essa era a chamada que estampava o jornal A Tribuna de 15 de janeiro de 2009, após a Cidade ter sofrido um vendaval na noite anterior.

— Laura — grita a mãe na sala de jantar —, venha tomar o café, comprei o jornal, você tinha razão o vento foi terrível, destruiu muita coisa e há pessoas ainda sem luz mesmo agora pela manhã. Venha Laura!

Como a filha não respondeu, Regina foi ter com ela. Bateu na porta do quarto e não escutou nenhuma reclamação da filha. Ao mexer a maçaneta, a porta não estava trancada.

Antes mesmo da mãe pensar em qualquer coisa o telefone toca, era o padre Júlio!
— Sim, padre, estaremos aí o mais breve possível.

O monsenhor fechou a igreja e só abriu a porta para os pais de Laura.

— Padre, que bom ter ligado, ao ver que ela não estava no quarto, já entrava em desespero quando o senhor entrou em contato — diz Regina.

— Por sorte eu cheguei cedo hoje, tenho muitas pendências o dia inteiro. Estacionei o carro e me deparei com a Laura agarrada ao portão. Falei com ela que mal conseguia ouvir, balançava a cabeça e ao abrir o portão ela entrou correndo e só parou porque a porta da igreja estava fechada, ela bateu com toda a força na porta e batia sem parar. Tentei segurá-la, mas sem sucesso. Ao abrir a porta, ela entrou correndo só parando na sala dos martírios, venham comigo.

Regina e Célio Henrique, os pais de Laura seguiam o padre. Ao chegarem a sala, padre Júlio fez um sinal com a mão e sentou-se em um banco em frente ao local, estava deveras preocupado e sem forças devido a idade.

Ao deparar-se com a filha naquele estado, o pai sentou-se ao lado do padre.

— Há tempos ela não tinha uma crise assim — disse Regina, que entrara na sala e se deparou com uma das cenas mais terríveis da filha. Laura estava ajoelhada aos pés da imagem de Jesus ensanguentado aos braços da mãe Maria, que segurava o filho e limpava-lhe os locais da crucificação. E Laura cortou-se exatamente como fizeram a Jesus

e estava prostrada com os olhos virados para dentro, da boca entreaberta escorria a saliva sujando toda a sua roupa.

Os pais não tiveram condições de tirar a filha desse transe e chamaram o SAMU. No hospital o psiquiatra veio até eles, pois ainda não havia acompanhado nada parecido.

— Laura já não tinha uma crise assim há tempos, ela esteve bem ruim, internada, depois passou uns tempos na Abadia de Santa Maria, em São Paulo, local onde se sentiu muitíssimo bem encontrando a paz que tanto almeja, mas com a melhora resolvemos trazê-la para casa, por ela, ficaria na abadia junto as freiras, mas sou muito apegada a minha única filha e com os medicamentos, ela foi melhorando a cada dia — esclareceu Regina.

— E ontem ela teve uma crise, não está tomando os remédios? Tem procurado ajuda de algum profissional? Vou acompanhar o caso de sua filha marque uma consulta e no dia estará também um amigo psicólogo, juntos iremos resolver. Ela ficará em observação por uma semana, até mesmo por conta dos curativos e depois da alta, tome meu cartão e agende a consulta o mais breve possível.

Laura e a mãe retornaram ao consultório do psiquiatra depois de 15 dias. Regina estava confiante de que encontrariam possibilidades de cura para a filha. O psicólogo hipnoterapeuta utilizaria a hipnose para compreenderem o que perturba Laura desde criança, já que até os 11 anos de idade ela nunca apresentou sintoma de nenhuma doença. No entanto, a moça sequer consegue parar com a medicação, que atrapalha no desenvolvimento profissional, motivo pelo qual nunca conseguiu se firmar em emprego algum.

A paciente sentou-se na poltrona do consultório e deixou-se conduzir pelo psicólogo sob os cuidados do psiquiatra e da mãe, sempre ao seu lado.

Pincelando os anos anteriores aos 34 anos de idade, a regressão foi sendo conduzida com fluidez, já que levava vida normal até então.

— Laura, você agora tem 11 anos. Conte com todos os detalhes tudo o que se passou nessa fase de sua vida. O que aconteceu nessa idade?

E num estalar da mente, a moça começou a contar todos os momentos, a memória ativou-se e as palavras tomaram vida.

É domingo, e comemoramos o Dia das Mães, estamos no dia 11 de maio de 1975. Mamãe fez questão de fazer um almoço especial e ficamos em casa. Comprei-lhe um ramallete de rosas vermelhas e um vestido amarelo, e como ficou lindo! Nunca me senti

tão feliz ao ver a mãe contente também. O dia está terminando e preciso dormir cedo para estudar, já que tenho aula de manhã, e os portões da escola se fecham às 7h30 em ponto.

Na sala de aula, reboição por conta de alunos que estão com o jornal de domingo, levaram para a classe, e o Notícias Populares anuncia em letras grandes: NASCEU O DIABO EM SÃO PAULO. BEBÊ COM CHIFRES, RABO E FALANDO. A classe virou uma loucura por causa dessa história. E ao chegar com o jornal a casa, mamãe jogou na lata de lixo e me fez orar e a jurar não mais ler nada sobre isso. Acontece que eu não obedeci.

Todo dia no horário do lanche o Carlinhos que era da minha turma levava o jornal e nos falava dos acontecimentos, das notícias do bebê-diabo, que assombrava o ABC, já que nasceu em São Bernardo do Campo.

— Olha Laura a foto dele — dizia Carlinhos —, eu tenho um amigo que mora lá e disse que ele tá vindo para a Capital, ele tá chegando...

— É, mentira, ele não está vindo para cá, não pode ser! — disse-lhe choramingando.

— Sim Laura — falou Pedro —, eu tenho um primo que mora lá ele me conta coisas que estão saindo no jornal. Tem pessoas que avistaram o mostrengo soltando fogo pela boca, gente que jura que seu corpo é coberto de pelos e até as enfermeiras do hospital onde ele nasceu rezam antes de falar nele.

— É mentira tudo isso, parem de falar nessas coisas — gritei e sai correndo.

Depois dessas histórias não conseguia mais dormir direito e nem orar, minha cabeça parecia vazia ao iniciar O Pai Nosso.

Mas a gota d'água aconteceu logo depois de falarem e mostrarem o bebê-diabo pulando os telhados das casas; e mais uma vez, Pedro falou que o bebê desaparecera e que foi visto vindo para a Capital. Agora, disse Pedro, ele vai andar em nossos telhados, cuidado Laura!

E num salto, Laura abre os olhos do transe e começa a falar para nós, olhando-nos um a um.

E toda vez que ia tomar banho me dava dor de barriga e um medo terrível. Puxava um banquinho e me debruçava na janela para ver se o bebê estava rondando o meu telhado. Só assim conseguia tomar um banho rápido e sair logo do banheiro. Ai que medo eu tenho de tomar banho. E comecei a sonhar com ele pulando e correndo por entre as casas, e o medo me fez retornar a fazer xixi na cama.

A fisionomia de Laura estava em transformação a cada pedaço da sua história de vida que ia contando. Mas a deixamos falar, pois era imprescindível para o tratamento toda aquela tortura novamente.

E mais uma vez Carlinhos falou sobre essa coisa no intervalo. Gente, tenho mais notícias sobre o bebê, dessa vez um primo de um amigo disse que é fácil saber quando ele está chegando, pois começa a ventar muito, um vento com barulho e tudo é o sinal de que ele está vindo para o telhado da sua casa.

E três dias antes de cessarem as informações sobre essa peste, no dia 02 de junho, eu estava tomando banho quando escutei o barulho do vento. Coloquei o banquinho e me debrucei na janela. De céu claro as nuvens escuras foram tomando conta e o vento ficava cada vez mais forte com um barulho ensurdecador. Rapidamente pulei do banco e o coloquei para fora do boxe. Meu coração parecia explodir quando escutei barulho no telhado. Foi estrondoso e ainda telhas se quebraram. Gritei, mas não tinha ninguém em casa, estava completamente sozinha e desprotegida.

Puxei a toalha e me enrolei nela, saíria do banheiro para me enxugar no quarto, mas não fui rápida o suficiente.

— Ei, psiu, ei você!

Fiquei paralisada, sem forças para me mover. O medo tomou conta do meu ser por inteiro ao escutar a voz que vinha da janela.

— Olhe para cá, venha falar comigo!

Senti o suor e a urina escorrerem pelas minhas pernas que tremiam sem parar e quase não consegui respirar. E lentamente fui me virando em direção à janela. Eu não queria olhar, mas ele insistia.

— Venha, vire-se, vamos, não tenha medo!

E eu o vi, ele estava em pé na janela, tinha rabo e chifres como descrito no jornal.

Coloquei as mãos aos olhos para tentar tirar aquela visão.

— Laura, se aproxime, venha, não tenha medo, sou apenas um bebê.

E minhas mãos, por uma força superior, foram abaixadas e fiquei cara a cara com ele.

— Laura, se aproxime e olhe nos meus olhos!

Aproximei e ele não tinha mais corpo, todo o seu ser se resumiu apenas aos olhos. Grandes, vermelhos e profundos me hipnotizaram e me entreguei completamente me deixando se aproximar mais ainda.

Os olhos me guiaram a mais profunda escuridão! Ao mundo das trevas. Não tinha o verde das plantas ou a claridade do sol, caminhava em terra escura em que pairava somente a noite sombria. Corpos mutilados, crânios espalhados e seres horripilantes completavam a paisagem daquele mundo. O ar rarefeito me fazia tossir sufocando minha garganta. A cada passo o vento soprava e a voz que dizia que estava próximo, me fazendo entrar num cemitério, cujas campas estavam abertas. Mas nada me fez recuar, pois a voz me conduzia, até que cheguei até ele.

O bebê-diabo crescera e tinha à minha idade. Ele se levantou e me esperou em pé. Ao chegar a sua frente me estendeu a mão e me ofereceu sentar-me a seu lado.

— Escolhi você para ficar junto a mim, pois fostes a única a acreditar na história, a única a achar verdade nas páginas que aquele jornal contou. As outras crianças tiveram até medo, mas não levaram a sério, deixaram para lá, mas você conseguiu guardar todas as informações para si, absorvendo mais e mais a cada dia. Graças a você e as outras pessoas minha história se eternizou e vocês me deram um mundo a que posso comandar, mas escolhi você para reinar comigo. O seu medo me fez mais forte, o pavor das outras crianças me ajudou também a me fortalecer, vocês me doaram energia!

— Mas ainda não estou preparado para comandar e retornarei para te buscar, e quando eu estiver chegando você saberá, pois a ventania trará o meu nome, e muita coisa acontecerá ao mundo até eu retornar outra vez.

E a cada passo em que dava de volta, a cada túmulo pelo cemitério eu via o mundo dos homens se extinguir e a violência em todo canto. Morte, destruição e guerra mutilando inocentes e destruindo a natureza, até eu voltar novamente ao banheiro de casa.

— A sessão acabou — grita Laura aos profissionais olhando-os com olhos arregalados —, não vou falar mais nada.

— Mas ainda não acabamos... — disse o psicólogo.

— Sim, acabamos doutor — grita Laura com a voz rouca e ardilosa, fazendo estremecer a todos da sala.

A mãe, que chorava sem parar, calou-se de medo e antes que elas deixassem o recinto, o médico psiquiatra aplicou-lhe uma injeção para dormir e rapidamente eles conseguiram, com o consentimento da mãe, levar Laura para uma área de isolamento.

E assim passaram-se alguns meses de tratamento com remédios e sessões de terapia e Laura foi melhorando até curar-se da crise seguindo a vida com tratamento apropriado.

Passando-se 45 anos da primeira aparição, o pai de Laura já falecido ela vivia somente com a mãe. Foi quando começou a ventar forte novamente, ventos com mais de 75 quilômetros por hora em julho de 2020 e o passado foi colocado à frente mais uma vez.

Laura foi ficando esquisita novamente ao ouvir o vento e não tomou os remédios, até começar a escutar vozes e o passado foi sendo remexido por sua mente doentia que a levou a pular do quarto andar do prédio.

O corpo caiu na calçada. Rapidamente funcionários e transeuntes correram em auxílio. Ao virar o corpo nenhum arranhão ou poça de sangue, apenas um esboço sorriso no rosto.

Mais de quarenta anos após a curiosa história, são poucas as pessoas que nunca ouviram falar do temido bebê-diabo, que aterrorizou uma geração, mesmo sem ter existido.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Sempre comigo

POR DARA PINHEIRO

Sinopse: Em uma remota comunidade alternativa o nascimento de uma criança especial desperta a curiosidade e o medo naqueles que a cercam.

Dara de Lima, escritora nascida em Belém do Pará e atualmente residente no Rio de Janeiro. Tem 34 anos de idade e é formada em Biologia, atuando como professora de escolas públicas no Rio de Janeiro. Seu estilo literário é predominantemente Horror Folclórico, embora também se aventure pela Ficção Científica e pela poesia.

Quando Fernanda engravidou já estava a três anos vivendo na comunidade. Não havia nada melhor do que aquela vida longe da cidade, seus poluentes, sua comida e água envenenada. Toda comida era cultivada ali mesmo, coletivamente, sem agrotóxicos e sem fertilizantes químicos. A água vinha da nascente, sem o maldito flúor que calcificava a Pineal. A vida era pacífica, as noites, estreladas.

A notícia da gravidez foi anunciada durante a cerimônia do chá sagrado, e todos brindaram à primeira criança nascida no seio da comunidade. Havia outras, claro, mas já tinham chegado ali com alguns anos. Fernanda recebeu presentes de todas as mulheres da comunidade, e seu parto foi completamente natural, como deve ser. A criança recebeu o nome de Melissa e era amada por todos.

Logo que nasceu, algo chamou atenção de todos: a menina não chorou, mas abriu os olhos com calma e lucidez. Aquilo foi comemorado, isso era o sinal que esperavam: uma Criança Índigo estava entre eles. Entoaram mantras pela chegada da menina, e a ungiram com óleo de lavanda. Passadas as primeiras horas após o parto, colocaram a menina no berço, e ela era muito tranqüila... Mas não dormia. A mãe, por outro lado, exausta pelas 20 horas de parto, estava em sono profundo.

— Durma Fernanda... Logo logo essa mocinha vai começar a dar trabalho e você vai passar noites em claro cuidando dela — Disse Mariana, a mais velha entre as mulheres.

Mas isso nunca aconteceu... Melissa era tão tranqüila que não chorava de noite. A mãe a colocava no berço na hora certa e ia dormir, esperando que a escuridão do quarto estimular a produção natural de Melatonina ajustar o ritmo circadiano da menina aos ciclos da natureza. A mãe, então, fazia sua meditação noturna e ia dormir.

Certa noite Fernanda acordou de madrugada e foi ver a menina, achou ter ouvido um pequeno choro. Mas, chegando ao berço, a criança não chorava, apenas balançava as mãozinhas no ar, totalmente acordada. A mãe achou aquilo muito estranho: os bebês não deviam dormir vinte horas por dia naquela idade? Resolveu então trazer um livro para ler no quarto da menina e observá-la mais de perto.

A leitura era pesada e Fernanda adormeceu rapidamente, acordando meia hora depois com dor no pescoço pela posição. E Melissa ainda estava acordada. Não chorava,

não reclamava, mas também não pregava o olho. No dia seguinte, Mariana foi chamada, mas tentou tranquilizar a mãe:

— Ainda não sabemos muito sobre as Crianças Índigo, isso pode ser absolutamente normal para elas... Talvez precisem de menos horas de sono para entrar em estado Alfa.

— Não Mariana, a senhora não está entendendo... Ela não dorme. Nenhum momento sequer! Eu achava que ela dormia à noite toda e estava harmonizada com a natureza, mas isso não acontece, nem de dia e nem de noite. Isso não deve fazer nada bem...

— Calma, Fernanda... Eu vou consultar meus livros e vou ver o que posso fazer pelo seu bebê. Namastê!

— Namastê!

No dia seguinte Mariana chegou com um presente para a pequena Melissa: Uma fada de feltro feita à mão, com cabelos de lã lilás e olhos de botão. Seu nome: Fada Lavanda. Segundo a aromaterapia, seu corpinho recheado de lavanda ajudaria o sono da menina. Isso, juntamente a um tratamento com Florais, resolveria o problema, ela garantiu.

E funcionou: a menina agarrou a bonequinha, colocou o dedo na boca, e em poucos minutos dormia como um anjo.

— Não há nada nesse mundo que não se resolva com o poder da natureza, Fernanda! – concluiu em tom sábio a matriarca.

Os anos se passaram. Melissa era uma educada e gentil menina de quatro anos, que não dava trabalho nem reclamava, exceto quando a mãe saía de perto dela.

— Mamãe, fica!!! — Suplicava

— Mamãe não pode, mamãe tem que ir trabalhar na horta! Como as pessoas vão comer se não tiver ninguém trabalhando na horta?

— As pessoas não precisam comer!

— Não seja boba! Agora fique e obedeça a tia Mariana! — disse categoricamente, deixando a menina na Sala Comunal das crianças. Ali elas deveriam aprender a ler, escrever, conhecer as plantas e a recitar os mantras, diariamente.

Fernanda ia para a horta, mas a cada dia ficava mais cansada e voltava mais cedo para buscar a menina. Pegava ela, comiam na cozinha comunal e depois iam para a pequena casa em que moravam. Fernanda dormia de tarde e Melissa ficava ao lado dela brincando com suas bonecas: Lavanda, Violeta, Girassol e Tulipa. Todas feitas à mão por Mariana.

Fernanda deitava para descansar umas poucas horas, mas acabava dormindo e a cada dia demorava mais para acordar. Ela fazia esforço, mas ficava presa em estranhos sonhos, e toda vez que parecia acordar na verdade sonhara estar acordando. Uma vez só acordou às nove da noite, assustada. A menina brincava calmamente ao lado dela. Olhou para a mãe e sorriu docemente, e Fernanda logo esqueceu sobre o que estivera sonhando.

Dormir tanto de tarde significava perder o sono à noite, e acordar no dia seguinte mais cansada ainda. Enormes olheiras não demoraram a surgir. Mariana foi lhe fazer uma visita, preocupada, e sugeriu uma meditação de regressão guiada para saber o motivo daquele incômodo. Fernanda começou a recitar os mantras e logo caiu inconsciente, falando:

— Estou no meu quarto. Está escuro. Tenho frio... Tem uma pessoa aqui comigo, uma pessoa muito alta, uma mulher. Quero levantar da cama, a mulher diz que não. Ela diz que não está na hora, e que eu tenho que descansar para ficar forte. Eu tento levantar, mas ela está brava. Ela pegou uma coisa pesada, bateu na minha cabeça... AAAAAAAAHH! — Fernanda se sentou subitamente, de olhos abertos. Mariana achou que ela tinha acordado, mas Fernanda caiu novamente deitada e de olhos fechados. Continuou:

— Estou na sala comunal. Hoje está tendo um banquete, tem muita comida. Eu estou farta, eu quero ir embora. Uma pessoa aparece, uma pessoa muito alta. Ela tem olhos escuros. Ela diz que eu não posso sair, que o jantar ainda não acabou. Ela diz que eu tenho que ficar. Eu não quero ficar, eu vou embora. Eu tento sair pela porta, mas ela me empurra, e a porta dá num precipício AAAAAAAAHH! – O corpo de Fernanda se arqueia e depois despenca novamente no chão. Mariana resolve entoar o mantra de despertar, assustada com aquilo tudo, e então Fernanda, sonolenta, se senta calmamente. Não se lembra de nada.

Mariana resolve lhe dar um chá de gengibre com ginseng para despertar, e recomenda que ela tome todos os dias pela manhã aquele chá e mascar Valeriana assim que o sol se pôr. Fernanda agradeceu, se despede e chama a filha, que estava brincando na varanda.

Chegando, Fernanda coloca Melissa na cama e arruma as bonecas, como de costume:

— Agora é hora de dizer boa-noite pras suas amiguinhas.

— Boa Noite Lavanda! Boa Noite Girassol! Boa Noite Violeta! Boa noite Tulipa! Boa noite Mamãe!

— Boa noite filha! – Diz Fernanda se inclinando para beijar a filha. Então ela percebe que a menina não dera boa noite para ela, e sim para uma nova boneca de feltro: esta tinha cabelos de lã amarela e sua roupa era de um retalho bastante familiar.

— Quem é essa?!

— Essa é você mamãe!

— Você que fez essa boneca?

— Sim, tia Mariana ensinou a gente a fazer. Ela disse que era pra eu não sentir saudade de você. Que eu teria um pedacinho de você sempre comigo.

Fernanda gelou: os retalhos da roupa da boneca eram parte de um velho vestido seu, e os botões dos olhos também. Assustada, perguntou:

— Filha, o que você fica fazendo de tarde quando eu estou dormindo?

— Eu brinco com as bonecas. Eu coloco a mamãe boneca pra dormir também, e as fadas tomam conta dela pra ela não acordar...

— Por que você faz isso, minha filha?

— Porque quando você dorme você não sai de perto de mim Mamãe... — E, pegando a boneca no colo, a menina a ninou levemente, deu-lhe um beijo na testa e sussurrou:

— DURMA BEM MAMÃE!

Fernanda cambaleou para cama, inconsciente. A menina, por sua vez, fez o que fazia todas as noites ao longo de quatro anos: fechou os olhos e fingiu dormir.



O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Turno da noite

POR VICTOR GALDINO

Sinopse: "Turno da Noite" segue Robério, um zelador de hospital que mais prefere procrastinar do que, de fato, zelar pelo local. O rapaz acha que será demitido depois deste seu último serviço: limpar o leito seis depois que Pastor Salazar tiver alta. Porém, após notar que as pessoas que visitam Salazar nunca saem do leito, ser demitido será o último de seus problemas.

Victor Galdino, 22, é graduando em Letras pela Focca (Faculdade de Olinda). Suas inspirações incluem Cesar Bravo, Joe Hill e Junji Ito. Está presente nas antologias "Piores Medos" e "Santos e Mortos" (que ainda serão lançadas). Aos 7 anos escreveu um conto para a escola chamado "Morto pela chama dos meios teus", onde um homem boêmio morria de sífilis no final. Seu professor lhe olhou torto pelo resto do ano letivo.

Passava maior parte do tempo limpando os corredores e procrastinando enquanto ninguém olhava. Não tinha interesse por futebol, mas religiosamente sintonizava meu pequeno rádio para escutar os jogos, era muito melhor escutar um narrador se esgoelando do que os pacientes deste lugar. Sempre achei engraçado o fato de ser zelador e não zelar, de fato, daqui. O trabalho que fazia parecia mais como colocar um band-aid em uma fratura exposta. Acreditava que me seguravam aqui só para fazer um último serviço pesado; limpar o leito seis.

Localizava-se no térreo e ficava ao fim do longo corredor verde musgo, à direita da recepção. Soube que havia sido desativado há tempos, antes de eu ser mandado até lá para fazer uma limpeza geral. Lembro como fiquei com todas as juntas completamente dormentes depois das excruciantes doze horas que fiquei lá, borrifando, esfregando, polindo, desinfetando, esterilizando... Sempre quando achava que havia encerrado o serviço, alguém vinha me atazanar, dizendo que ainda fedia a gente morta ali. O problema é que tinham razão, não importava o quanto limpasse, aquele futum perdurava.

Todo aquele serviço era em prol de uma revitalização do leito, tornando-o ativo novamente, para a internação de Salazar, pastor da igreja pentecostal da cidade. Fazia seis meses que estava internado lá. Via muitas pessoas visitá-lo, mas, após entrarem naquele leito, nunca mais as via de novo. Talvez fossem embora quando não estivesse olhando, ou trabalhando nos andares acima.

Salazar chegou aqui curvado e decrépito. Seus cabelos grisalhos caíam finos sobre sua testa — que a gravidade pareceu ter tido tremendo efeito. Tinha uma complexidade quase violeta, sem um pingote de cor em sua pele seca. Seus olhos pareciam ter sido empurrados para dentro das cavidades, dando mais lugar às suas pálpebras. Ao redor deles tinha um fundo círculo escuro, tão escuro que jurava que eram os buracos oculares de seu crânio. Também tinha um estranho fluido vermelho ensebado nas suas pálpebras inferiores. Não conseguia acreditar que este ser tinha seguidores. Devia ter uma ótima lábia, ou algo do gênero.

Hoje pretendia falar com algum de seus visitantes, antes que pudesse entrar no leito.

Movia os cotovelos para frente e para trás, o esfregão ficava cada dia mais pesado para meus braços. Escutava sua cabeleira encharcada chocar-se contra o piso vinílico. Os mesmos gritos de dor ressoavam nos corredores todos os dias, já me perguntava se as pessoas aqui eram realmente curadas.

Depois de algum tempo fingindo limpar o mesmo lugar, notei algumas pessoas surgindo na quina do corredor. Dois homens de meia idade, um deles usava uma brilhante aliança, ambos vestiam paletó, e uma mulher acompanhada de uma garotinha, ambas vestiam vestidos; a mulher usava jeans e a criança seda. Rapidamente pus o esfregão no carrinho, a cabeleira até salpicou um tanto de água na parede, e apertei o passo em direção a eles.

— Boa noite! Vieram visitar Salazar?

Os rapazes não me responderam, apenas seguiram em frente, ao contrário da moça, que ficou parada defronte a mim, segurando a menina pela mão.

— Viemos dele, agora retornaremos a ele. — ela respondeu.

Minhas sobrancelhas franziram de repente. Seu rosto estava inexpressivo. Tinha um olhar que simplesmente atravessava-me, parecia que não falava comigo, e sim com algo muito distante.

— São da pentecostal? Vejo muitos de vocês vindo, mas nunca vi ninguém retornar. — questionei, após pigarrear.

— Retornar? Por que... Retornar? — respondeu tremulante.

As rodinhas do carrinho de limpeza fizeram ruídos quando levemente recuei. Seus lábios tremeram estranhamente quando respondeu. Ela seguiu até a porta depois do meu involuntário recuo. Deu leves batidas com os dedos curvados, esperou, e em seguida fez força para puxar a maçaneta. Um rangido soou, a porta arrastava pelo piso. Não abriu muito, a mulher teve que se esgueirar junto à piralha pela limitada fresta. Depois de fechado, não mais era possível ver o que acontecia dentro daquele leito, pois era o único — em todo hospital — a não ter aqueles vidros laterais em sua porta. Só murmúrios lamuriantes — prováveis orações — ressoavam dali. Liguei meu rádio e voltei ao serviço.

“Por que retornar?”, as palavras daquela mulher ecoavam na minha cabeça vazia. O rádio não mais fazia efeito em distrair-me daquilo. Após encerrar minhas atividades naquele corredor, segui para a entrada do hospital, onde ficava a recepção. Tentei começar uma conversa com a recepcionista.

— Hoje foi osso duro! — disse, suspirando pesado.

— Boa noite... Robério. — respondeu, mexendo em sua papelada.

Percebi que olhou de canto de olho para o meu crachá.

— Vejo que o movimento não está muito grande. — disse, oscilando minha visão pelas fileiras de cadeiras ali.

Ela não disse nada de volta, apenas assentiu com a cabeça. O hospital andava bem vazio, bem mais do que quando cheguei aqui. Foi uma queda gradual que não conseguia compreender, talvez minha especulação de que ninguém se curava aqui estivesse correta afinal. O verdadeiro grande movimento daqui parecia ser as visitas feitas ao pastor.

— Luísa, desculpe a pergunta, mas você tem alguma noção de como andam as finanças deste lugar? Sabe, com tão pouco movimento assim.

— Não sabia que além de zelador, também era contador. — respondeu, ao virar as costas e adentrar uma sala atrás do balcão.

Acreditava que podia ser demitido a qualquer momento em razão da minha falta de vontade, mas, nas condições que se encontrava esse lugar, um fio de esperança começou a elevar-se dentro de mim. Quem sabe nem tivessem verba para rescindir meu contrato. Um presente dos deuses um serviço fácil desses. Levantei meu dedo indicador para o teto — para o céu — e agradei ao último zelador antes de mim. Deixou para trás um trabalho que era melzinho na chupeta.

Estava deitado de barriga para cima, encarando o de teto no meu quarto. Ainda estava vestido em meu uniforme esverdeado, o sono e a preguiça me jogaram logo na cama após retornar do hospital. Uma de minhas pernas balançava fora da cama. Podia ouvir meu joelho estalar no ritmo daquele balançar. Lembrava-me das batidas naquela porta. “toc”. Um barulho seco que fazia os pelos da minha nuca subirem. Quando foi que comecei a ter agonias por causa de meus ossos sedentários? Tanto faz. Precisava dormir.

Hoje seria um daqueles dias insuportáveis, cheio de coisas para fazer, porque fui informado que o pastor estaria, finalmente, recebendo alta. Já podia sentir as muitas horas de dor nas juntas.

Recostava-me na parede ao lado do leito seis. Não sabia se Salazar já tinha pegado o beco. As visitas tinham cessado por algumas horas, coisa que não costumava acontecer. A ala estava tão inóspita que conseguia ouvir o eco da ponta do meu pé batendo no piso. Tomei a alça do carrinho e resolvi entrar no leito. Quanto mais rápido fizesse esse serviço, mais rápido podia a voltar a não fazer nada.

Involuntariamente dei leves batidas na porta antes de forçar a maçaneta, mas ela não abriu. Soltei a alça e pus ambas as mãos na maçaneta, puxando-a com ainda mais força, apenas uma pequena fresta — que não era o bastante nem para passar minha mão — se

abriu. Agora conseguia ver lá dentro, pouco, mas via. A cama estava vazia, um vaso branco com primulas mortas encimava uma cabeceira ao lado dela.

Apertei aquela maçaneta e, continuamente, joguei minhas costas para trás. Curtos rangidos foram ressoando do piso a cada vez que a porta arrastava. Já podia passar naquele vão que se abriu, mas também precisava passar com o carrinho, então me esgueirei ali. Lá dentro só levantei a perna e impulsionei-a para frente umas três vezes, os impactos fizeram a porta abrir de vez. Graves arranhões se formaram no piso após todo aquele peso arrastado.

Voltei a apanhar a alça, trazendo o carrinho para dentro do leito. Joguei minha mão contra a boca ao sentir meu almoço subir pela garganta, um odor necrótico tornava o ar denso. Nem parecia que respirava oxigênio, aquilo era puro enxofre. Puxei o carrinho quando meu estômago contraiu-se. Um jato de vômito marrom propeliu da minha boca contra minha vontade. Grãos de arroz agora boiavam junto à água suja dentro do balde de limpeza. Arfei por ar, que pareceu arrombar as laterais das minhas narinas com fogo.

Vomitei mais duas vezes. Esse cheiro era similar àquele que senti quando entrei aqui pela primeira vez para revitalizar, só que muito mais forte. Podia ver que os lençóis de cama estavam um tanto amarelados, com certeza não era só urina seca que causava esse odor. Caminhei arrastando o carrinho para próximo da cama, antes que pudesse soltar sua alça, senti-o emperrar em alguma coisa. As rodas estavam empacadas em uma saliência do piso bem abaixo da cama. Pisei fortemente nele e mantive o pé pressionando-o, assim desemperrando as rodas. Quando levantei o pé, a saliência retornou.

— Mas que diabos? — sussurrei.

Agachei-me mais próximo daquilo. Um dos pés da cama parecia ter arrastado um pouco para fora do lugar, podia ver um círculo enferrujado marcando o piso. Pressionei meu ombro contra a armação da cama, forçando-a para o lado, fazendo a saliência subir mais. Minha visão ficou turva no momento que aquela brecha ficou maior, o cheiro horrível ficou ainda pior. Desta vez vomitei em cima do colchão, era apenas bile. Não tinha mais nada de comida para sair. Tinha certeza que aquele odor era de cadáveres putrefatos.

Ao terminar de empurrar a armação para fora daquele espaço, um estilhaço ressoou atrás de mim, fazendo-me pular assustado. O vaso com água e flores havia caído. Meu olhar oscilou do chão para a porta do leito. Será que alguém tinha ouvido isto? Se aparecesse algum curioso, estaria acabado neste emprego. Talvez pudesse mentir e dizer que o vômito era do paciente, mas estava muito fresco para ser dele, parecia que tinha ido

embora há tempos. Rapidamente corri até a porta, puxando-a de volta ao lugar. Grunhi entre os dentes cerrados. Até senti a garganta arder.

Após fechá-la, prontamente comecei a limpar os estilhaços. Joguei-os no balde, junto dos panos sujos. Também passei o esfregão pelo chão molhado, além de passar uma flanela na cabeceira. Precisava sair para buscar novos panos de cama. Quando toquei na maçaneta, senti os cabelos da nuca subirem. Pensei ter ouvido um murmúrio atrás de mim. Orações? Fitei por cima do ombro, a cama ainda estava fora de lugar e o fundo falso tinha uma brecha extremamente escura. Soltei a alça e caminhei até ela.

Tinha uma mão sobre o nariz, apertando-o. Coloquei a outra mão sob a brecha e tentei levantar aquele pedaço, mas o peso era muito grande. Prendi minha respiração ao jogar as duas mãos ali. Forcei até levantá-la por completo. Não conseguia mais manter a respiração presa após ver o que tinha embaixo daquilo... Uma escada, completamente podre de sangue, levava para uma sala escura, bem mais embaixo. Aqueles murmúrios estavam ainda mais fortes. Agarrei uma lanterna que estava no carrinho e desci cauteloso pelas escadas. Minhas pisadas faziam um som molhado quando entravam em contato com o sangue.

— A minha carne é tua carne. Faça de mim completa. Teu sangue é meu sangue...

Escutava alguém orando no fundo daquela sala. Mirei a lanterna pelo chão e teto, aquilo parecia um calabouço medieval. Fui seguindo aquela voz até escutar um tilintar. Um som metálico balançava bem defronte a mim. Levantei a lanterna. Sua luz tremulava sem parar.

— A minha carne é tua carne. É pela carne que iremos passar para o outro plano. Oh, meu Deus, o plano divino.

Meu queixo lentamente foi descendo enquanto a ouvia orar. Era aquela mulher de ontem. Estava completamente pálida e nua, suspensa por uma haste pelos dois braços. Seus pulsos tinham sangue seco, velho, em volta deles. Pouco mais da metade direita de seu corpo estava carcomida, pele rasgada e pendurada. Conseguia ver os seus órgãos através das aberturas em sua carne. Pulsavam velozmente. Uma de suas pernas tinha sido lacerada, estava no chão, também carcomida, mostrando parte dos ossos.

Não parava de rezar, seus olhos não tinham mais cor, uma névoa cinza os tomou. Vi um brilho dourado refletir em outra haste ao seu lado, apenas dois antebraços balançavam nas correntes, o resto do corpo nem estava ali. Usava uma aliança. Movi a luz além das hastes, bem atrás na sala. Suspirei quando vi uma pilha de corpos que subia até o teto.

Estavam todos em pedaços. Cabeças pela metade, torsos sem pele com braços e pernas arrancados, órgãos diversos espalhados por cima dos membros triturados. Recuei, dando as costas para aquilo, precisava dar o fora daqui!

— Peccator...

Senti o corpo congelar. Não conseguia mais dar nenhum passo à frente. Uma presença opressora se aproximava das minhas costas. Todo meu corpo estava arrepiado, parecia que meus pelos iam todos cair. Ouvia meus dentes batendo uns nos outros. Não mais respirava. Fechei meus olhos com força. Meu pé relava em algo um tanto rígido.

— Odor peccator...

Uma voz gaguejante e ríspida soou ao lado do meu ouvido. Uma lágrima correu pelo meu olho, mas logo secou, parecia retornar para mim se infundindo a pele. Junto com a voz, um forte fungado foi feito acima do meu ombro. Queria fechar ainda mais os olhos para que, em hipótese alguma, pudesse ver o que estava fungando. Ouvi um rápido sibilar cortar o vento e em seguida um estrondo no topo das escadas. Abri os olhos de imediato, o fundo falso havia sido fechado. Corri pelas escadas e trombei meu ombro sob o piso, um choque me correu pelos ossos ao mesmo tempo em que ouvi um rangido lá em cima. A cama... Colocaram a cama em cima do piso.

— NÃO! EU ESTOU AQUI! ROBÉRIO ESTÁ AQUI!

Escutei murmúrios em uníssimo no fundo do calabouço. Corri em direção a eles, mas tropecei em algo rígido no chão. Eram ossos. Ossos de um corpo inteiro. Vestia roupas esverdeadas iguais as minhas. Vi um crachá pendurado nele. “Aluísio, zelador” estava escrito.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Os cães de Valador

POR EVELYN VEIGA

Sinopse: Uma mulher encontra uma caixa no meio de uma estrada, com cães abandonados, ela não poderia deixá-los lá, então os leva para casa. Ela nunca imaginaria o que viria junto com esses cães.

Evelyn Veiga nasceu e mora na cidade de Rondon do Pará (Pará), bacharel em Administração pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), escritora, incentivadora cultural através das mídias sociais e na comunidade Rondonense. Fãs de livros e filmes de terror, de Edgar Allan Poe e Agatha Christie.

Ao tentar cortar caminho para fugir de uma tempestade e chegar logo em sua casa, uma mulher passou por engano por um atalho que levava a cidade de Valador, um lugar afastado, cercado por um grande rio, com habitantes de expressão carrancuda e pouco hospitaleiros, poucos eram os que viajam até lá, pois se ouviam inúmeras histórias bizarras e casos inexplicáveis de pessoas que iam e não regressavam, a própria mulher tinha receio de sequer cruzar em frente a ponte que levava até a cidade.

De repente no meio da estrada, surgiu uma caixa, como se tivesse sido colocada lá de propósito, o objeto inesperado fez a mulher frear bruscamente, ao descer do carro para ver o que tinha na caixa, encontrou três pequenos cachorros abandonados e pensara que provavelmente algum morador perverso de Valador, tivera realizado tamanha maldade e decidiu levá-los para casa com ela.

Os cães eram alegres e barulhentos, latiam para tudo e todos, tinham os pelos completamente pretos, eram do mesmo tamanho, pareciam ser um único cachorro de tão iguais. Logo se adaptaram a casa e conquistaram a nova dona, e passaram a dormir na cama com ela. Mas, não demorou muito tempo, depois de chegar dessa viagem, para que a mulher começasse a se sentir mal.

A mulher passou a manifestar uma doença desconhecida, com sintomas terríveis e paralisantes, nenhum médico que consultara, conseguiu um diagnóstico e em pouco tempo, a doença idiopática, corroera o físico, a disposição e a lucidez, sua mente divagava, seu corpo ficara cada vez mais estático, submerso em brumas, enquanto dormia, entrava em um estado de torpor e saía de sua boca, gritos com notas mórbidas e discrepantes de agonia.

Ao vagar pela casa, a mulher foi adquirindo um estado de semiconsciência, era como um som distante, uma sombra que se esgueirava pelas paredes, não tinha como fazer qualquer atividade, restaram para lhe fazer companhia, seus três pequenos cães. Com o passar dos dias, a mulher não conseguia mais caminhar como antes, e ficava a maior parte do tempo na cama. Ela percebera que estranhos eventos começaram a ocorrer, os cães antes bagunceiros, adotaram uma postura diferente, sisudos, farejavam o ar e olhavam para as quinas, como se alguém ali estivesse, não se alimentavam e ao invés de dormirem com a dona, faziam uma estranha vigília, não subiam mais na cama, ficavam no chão, um ao lado esquerdo, outro ao lado direito e o terceiro aos pés do leito,

esperavam a mulher adormecer e ficavam atentos a aqueles ruídos que saíam de dentro do corpo que estava tomando um aspecto disforme.

Por fim a mulher não levantara mais, apenas gemia, gritava e se contorcia, de sua respiração saía um odor purulento, de seus poros, suor cinza, de sua boca, saliva negra e quente. Os cães continuavam a vigília junto a cama e observavam a mulher que tossia, arrotava e cuspiam uma lama pestilenta, cujas nódoas se espalhavam pelos lençóis. Os cães então se levantaram e começaram a uivar incessantemente, olhavam para as quinas e para o teto, lá estava uma sombra que não possuía forma humana, mas sim de um cão, pingava de seu focinho, escorria pelos dentes e língua uma quantidade infinita de larvas raquíticas, que caíam em cima do corpo da mulher. Foi nesse momento que se ouviu um som que transcende a voz humana e que somente os cães puderam decifrar, a sombra dizia de maneira ininterrupta: “Comam!”

E assim os cães o fizeram, em um único salto, chegaram ao alto da cama onde jazia a mulher, ao sentir a presença de seus tão amados cachorros, abriu os olhos, mas não conseguia se mexer, ao tentar falar saía apenas bolhas de chorume e seu rosto e corpo coberto pelas larvas, queimava e a pele se transformava em feridas.

A matilha começara a se alimentar, os cães sob as ordens da sombra monstruosa, destroçaram pernas e braços, fuçando a barriga, rasgando a pele e estourando as vísceras, um banquete com uma melodia infernal, de cheiro indescritível e visão aterradora, os cães não pararam de comer as larvas, as entranhas e os ossos da mulher e mesmo sem traqueia, cordas vocais, laringe e pulmões, ainda gritava e rosnava sons de outro mundo.

Ao amanhecer, depois de uma noite de pesadelo, tamanho foram os barulhos medonhos e desconhecidos que ouviram, os vizinhos chegaram à casa da mulher e lá viram e que nenhuma palavra seria capaz de transmitir aquela cena, pois não fazia parte de uma coisa humana, com odor repugnante, a casa estava tomada pelas larvas, não eram mais raquíticas, mas grandes, gordas, que exalavam a morte e expeliam a peste por todos os lados. Nem a mulher, nem os cães foram encontrados.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Ouija contemporâneo

POR WILLIAM F. EUGÊNIO

Sinopse: Alguém conhece o tabuleiro de "Ouija"? Neste conto moderno, verificamos a jornada épica de Anton, Niyati e Miguel em busca de removê-lo de um galpão abandonado. Às margens da Via Anchieta SP-150, região do ABC paulista. Anton, especialista em ocultismo. Niyati, deva indiana. Miguel, anjo de alto escalão. Deparam-se com um visual aterrorizante, infectante, macabro, tétrico, umbrífero e sepulcral. O conto fictício expõe uma força tarefa. O tabuleiro muito usado para evocar espíritos, ramifica-se em diversos filmes, livros e adaptações. A aventura deste trio aleatório, tem sucesso para retirá-lo deste galpão? Contendo muitos resíduos especiais? A vida contemporânea, deixa-nos cegos. Mas a realidade é ampla. Além de pagar boletos. Adquirir cultura. Diante ao capitalismo selvagem. E inerente globalização.

William F. Eugênio é estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Interessa-se pelos assuntos de culturas alternativas, biologia, cinema, matérias da graduação, psicologia, quadrinhos, rodovias e seriados. Observa o real mundo contemporâneo. Percebe a realidade e tecnologia diretamente interligadas. Interessa-se por viagens, basquete e faz sua parte na sociedade, sendo doador de sangue. Escreveu o conto para potencializar algumas ideias. E no fundo do coração, espera que tenha sido transmitidas de forma direta e eficaz.

Novembro de 2020. Via Anchieta, SP-150. Cubatão, SP. ABC Paulista. Vento gelado a noroeste. Nuvens densas, articulam garoa fina. Na região, a mata composta por arbustos de diversos tipos. Tempo frio. Ventania moderada. Frondosos eucaliptos reverberavam ruídos. Ao redor, é possível ver o Terminal Cubatão da Refinaria Presidente Bernardes. Duas torres de transmissão de energia. Estruturas metálicas. Atravessam duas pontes. Em concreto armado, com vigas longarinas. Sentido litoral. Logo abaixo uma interligação urbana. Rua de menor porte. Caminhões e carretas, atravessam em alta velocidade o elevado. Segunda. Sete horas da noite. Uma noite, perfeita para chocolate quente e cama dizem, Anton, Niyati e Miguel. Todos os três integrantes dentro de um veículo Zafira. O trio, foi recrutado por uma empresa de soluções ambientais e gestão de resíduos. Resolução da “cota” de serviços do dia.

“*Dureza*” gente! — exclama Niyati, — acessando a internet pelo smartphone.

Miguel, retira um pão de queijo dentro de um saquinho de papel. Comprado de um posto de conveniência. Bem conhecido nas rodovias. Mastiga rapidamente. Limpa os dedos. Gotículas de gordura. Intercala, dispondo de entusiasmo e bom humor — “*Saca só*”, Anton! — teremos uma noite “*show*”! — E a gente nem “*ganha tanto*” para isso!

Anton, dirigia o automóvel. Seta, à direita. Retorno na alça de acesso. Esperava três veículos adentrarem as ruas paralelas à rodovia. Contextualiza o momento. Arruma o óculos de grau, — Tava de “*boa em casa*”, e me chamaram! —, exclama rindo da situação.

Anton, manobra para estacionar à meio-fio. Miguel e Niyati descem antes do veículo. Visualizam um galpão desativado. Gatos e cachorros de rua, movimentam-se. Presença de estranhos. Área vazia. Mórbida. Galpão shed. Longa extensão. Evidências do abandono. Na calçada, cinzas antigas. Embalagens. Entulho. Bitucas de cigarros. Sujeira. Portão de aço carcomido pelo tempo. Polivalentes pichações. No grafite, articulado na superfície do muro, um emaranhado de cores e rabiscos. A palavra “*Ouija*” destaca-se, entremeio a arte urbana.

Niyati. Jovem indiana. Magra. 28 anos. Arruma o cabelo. Acerta seu lenço bordado. Pega a chave no bolso. Toca o cadeado enferrujado. Portão central. Insere a chave. Vira em sentido horário. Frações de segundos. Escuta sussurros. Conversas. Espíritos. Gritos. Miguel, sofre o primeiro impacto. Diversos vultos derrubam-no. Anton, abre o porta-malas. Pega três artefatos antigos. Punhal com 2 gumes. Espada pata damasquino. Adaga de aço carbono. Fecha o compartimento. Vira-se. Instantes. Câmera lenta. Niyati é expulsa da

frente do velho portão. Empurrada para o outro lado da rua, de forma surreal, aos olhos. Rodopia algumas vezes antes de espatifar-se ao chão. Sua queda, amortecida pela folhagem seca e mato alto.

Miguel, 53 anos. Meia-idade. Cabelo branco. No momento, queixo cortado. Gotículas de sangue na barba. Levanta-se. Arruma a camisa. Inconformado. Tenta limpar-se, do sangue e da umidade do chão. Pega a adaga de aço. Niyati, recompõe-se do voo. Retira as folhas. Sujeira. Sementes do mato. Grudados na roupas e cabelo, exclamando: — Eu já imaginava! — ri do colega, pego desprevenido. Pega a sua espada pata damasquino — Gente, “*quem é*” desta vez? — A recepção foi de primeira classe! Sem direito a aterrissagem macia!

Anton, 45 anos. Norte americano. Natural de Chicago. Veio para este serviço. Traceja comentários: — Por isso que eu não gosto de cabelo, neste tipo serviço! Expõe sua posição de careca — coloca sua mochila média, enquanto todos riem: — Alguém se lembra da lenda do tabuleiro de “*Ouija*”? Insere uma luva. Bordada. Diversos inscritos, em vermelho.

Niyati, indaga-o em seguida: — Porque, não avisou? — , entrega a chave do portão a Anton, — Sabia que ele tinha uma carta na manga! — , continua — Porque me chamaram? — Eu sei que você é o “*fera*” em ocultismo, e Miguel anjo de primeira classe!

Miguel, insere-se no papo e explica: — Então, longa história! —, disseram que você é uma deva indiana! Seres de “*outros planos*”, é sua área!

Anton, abre o cadeado. Observa dois segundos, e exclama: — Impressão à minha, ou “*tá rolando*” uma paquera aqui? — Ao trabalho gente! O tempo “*urge*”!

O trio adentra o perímetro da entrada. Passo a passo. Acessaram o galpão. Acendem as poucas lâmpadas que funcionam. Niyati, sente-se enjoada e vomita. Traz ao chão, sua última refeição, composta de algumas frutas e suco de laranja. Visualiza diversas carcaças de aves, animais carcomidos e alguns restos humanos decompostos, exalando enzimas. Aspecto decomposto. Minúsculas lagartas escorregam no úmido piso. Interceptadas pelas moscas. Sangue e tripas. Distribuídas aleatoriamente. Resíduos de animais em decomposição. Poças. Compostas por um lodo verde. Aparentemente nojento e infectante. Ao redor, milhares de baratas, dezenas de escorpiões, percevejos, ratos e urubus movimentam-se. Odores diversos. Invadiam as narinas. O frio era um fator delimitante. A cada respiração, o vapor saía pela boca. Equipamentos, peças fabris, receptáculos, suportavam o musgo com esporos abertos. Contendo gametófitos ao redor.

Rala vegetação. No teto, grafitados a “*chamada do alfabeto*” no aço da estrutura metálica. Miguel, desacredita no ambiente. Niyati, coloca o lenço no rosto. Anton, observa se existia algum outro fator. Não planejado, além do local destruído. Quando mais adentravam, maior a dificuldade percebiam de acesso. Milhares de galhos com espinhos, sangue sugas no desnível do galpão, cipós atrapalhavam o progresso. Ao fundo, percebia-se facho de luz em tonalidade aniz brilhante. Miguel, cortava a vegetação do local, e indaga: — Alguém me fala, “*serião*” — , o que realmente é este lugar?

Anton, explica rapidamente: — Aqui, está o possível tabuleiro original de “*Ouija*”! — e discorre, — Ocorrerá um roubo, no museu da universidade, e provavelmente ativaram sua funcionalidade neste local! “*Olha só*” a coincidência! Em 1882, William Fuld, criava este tipo de “*brinquedo*”, possível invocador de espíritos! Morreu caindo de um telhado do galpão da fábrica — , onde produziam tais tabuleiros, — É um artefato poderoso!

Ao explicar a possível origem, Niyati foi atacada, por um vulto, com rapidez, levantou-a, o suficiente para tira-la da superfície. Tenta asfixiá-la. Anton e Miguel esforçam-se em retirá-la. Lutar com um espírito, mas sem tocá-lo, é meramente impossível. A jovem percebe uma chance. Fecha os olhos. Concentra-se. Abre-os novamente, incandescendo-se. E uma enorme luz branca. Desenvolvendo-se em sua testa. Terceiro olho. Traz assim, aspecto humano do espírito. Miguel desfere um corte pelas costas. Com força máxima. Destrói tal ser, com sua adaga de aço carbono. Cinzas caem. Anton, pega a jovem. Devolve-a ao chão. Em seguida, o trio é atacado novamente. Dezenas de enormes aranhas, articulam-se, em sobem sob seus corpos. Tentam picá-los. Ao redor, gotículas de mucilagem pegajosa, escorriam de dentro da droseira de enormes plantas carnívoras. Desenvolvidas de dentro dos grossos cipós. No chão, verificava-se o aumento do lodo verde. Litros e mais litros, deste líquido ácido e corrosivo, escorriam neste instante. Traziam consigo, salamandras elétricas. Tais organismos, grudaram nos integrantes, soltando descargas de energia e toxinas. O grupo interceptado, foi surpreendido por estes seres biológicos, advindos do centro do galpão.

Miguel, pega a mão dos colegas, segurando-os. Seu corpo, traz energia divina. Neste instante, invoca, uma enorme rajada de vento, da força equivalente a dez turbinas de aviões de carga, também traz consigo um globo de luz espiritual incandescente. Todos os insetos, seres e vegetação contaminante, foram incinerados na hora. Ação eficiente. Foi uma “*faxina*” completa no local. Quilos de cinza, e fuligem caem em seguida. Insetos sobreviventes, saiam pelas frestas. Restará agora, um grande problema. Dentro do galpão

abandonado, exibia desta vez seu trunfo, uma figueira. Iluminada com luz aniz brilhante. Nunca vista. Um organismo vivo. E muito mais. Na frente, suportada por uma pilastra de mármore, uma campânula energética, em forma de redoma. Dentro dela, o intocável, tabuleiro de “*Ouija*”. Existe na redondeza, dez esferas circulares de energia. Interligadas. Com símbolos sagrados. Dentro de cada uma, espíritos humanos. Seres de plasma espirituais. Ectoplásmicos.

Niyati, observa a situação, e exclama: — Por “*Shiva*”! Uma “*charada*”?

Miguel, indaga: — “*Tá limpo!*” Agora é a vez do Anton “*sabichão!*”

Anton, explica a situação: — Nem o “*sagrado*” se mete nessa aqui, “*né*” Miguel?

Na sequência, Anton, retira um grosso livro da mochila. Um vaso médio que coloca no chão. Insere no recipiente diversos itens. O antigo punhal de 2 gumes dele, a espada pata damasquino indiana de Niyati, e a adaga de aço carbono de Miguel. Juntamente com folhas, fluídos, sangue e itens diversos. Grande maioria de magia obscura. Abre o livro das sombras. Recita diversos versos. Palavras de segmentos e religiões diferentes. Devido ao simbolismo, e as dez esferas. Acende um fósforo. Joga-o dentro do vaso. Tal mistura, gerou uma “*quebra*” da proteção, na área delimitada pela figueira. Os espíritos soltaram-se, com facilidade. A figueira definhou-se. Resultando em apenas um arbusto seco. A redoma energética, também sumira. Niyati e Miguel, pegam suas espadas. Limpam-nas. Retiram o tabuleiro. Inserem em um pano vermelho vinho, e em uma mala com símbolos desenhados, protegida e segura.

Anton, guarda todos o itens e exclama: — Missão cumprida! “*Bóra*” pessoal?

Com as duas mãos na boca. Evita vomitar novamente apenas a bÍlis. Devido ao odor podre e inerente do local. Niyati sorri e exclama: — Sim! Vamos embora!

Miguel, despede-se: — Obrigado! — e complementa, — Tenho outra missão! Niyati, passa seu “*whatsapp*”, para o Anton, quem sabe rola um “*happy hour*” de novo? — , Até a próxima! — , desapareceu em um piscar de olhos.

Anton e Niyati, retiram-se. Fecham o portão. A jovem indiana, aproveita para pegar dois gatinhos. Estavam em uma caixa de papelão. Do lado direito do muro. Esquecidos. Anton, liga para seu contratante. Missão foi bem sucedida. Niyati por sua vez, manda uma mensagem por aplicativo, a empresa de gestão especiais de resíduos. Perímetro desinfetado. A empresa terceirizada, pode enviar funcionários para a limpeza do local. Em seguida a dupla, entram dentro do carro. Seguem pela Via Anchieta, SP-150. Sentido capital. Anton, pegará o primeiro voo. Voltará a universidade, para devolver o tabuleiro de

“Ouija”. Niyati, para o Consulado da Índia no Brasil. Porque como diplomata, deve reportar os fatos.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Feche a porta, meu filho

POR WILDE GREEN

Sinopse: Rio de Janeiro, ano de 1967. Um jovem marinheiro acaba de chegar na cidade e se estabelece numa ilha na Baía de Guanabara. Ele é prepotente e ignora o mal que se avizinha. Certa noite, voltando de uma festa, ele percebe que não há ninguém pelas poeirentas ruas da ilha. Ao entrar em casa, joga-se na cama, esquecendo a porta aberta. Dorme um sono confuso, onde uma voz tenta lhe avisar algo. Desperta aturdido no meio da noite e segue o rastro de alguma coisa que se esgueira na escuridão e na densa neblina que preenche as vielas degradadas do local. O que ele vê é aterrador.

Wellington Pinheiro é natural do Rio de Janeiro, tem 36 anos, é professor e dedica-se à literatura de ficção como arte e hobby. Escreve histórias de horror, suspense, ficção científica, realismo fantástico e tramas cotidianas. Publica seus trabalhos no site Recanto das Letras, sob pseudônimo Wilde Green.

Naquela época eu tinha acabado de me estabelecer no Rio de Janeiro. Não fui exigente ao escolher um lugar para morar, procurei preço bom. Estava acostumado à pobreza, vinha de uma cidadezinha pobre no Nordeste, nunca fui luxento. Era o ano de 1967, eu acho – não me lembro a data. Aluguei uma vaga num cortiço na Ilha da Conceição. Naquele tempo, aquele lugar era um fim de mundo. Uns casebres pobres, uma gente sofrida, umas ruas sujas, um lamaçal nojento no lugar da praia. Mas eu amava aquelas pessoas. Era uma gente simples, de boa vontade.

O navio tinha chegado havia uns dois meses e eu estava feliz porque enfim me designaram para trabalhar na sede da esquadra. Rapaz, isso era muito legal. O Rio de Janeiro não era só a sede da Marinha naquela época, mas era também o lugar onde as coisas boas aconteciam. Garotas bonitas nas praias, bares na Lapa e as grandes partidas do Maracanã. Voltar pra casa tarde da noite, tomando cerveja pela rua e conversando com meus campanhas, falando de garotas e discutindo futebol. Ah aquele tempo! Eu me perco falando daquele tempo...

Mas numa daquelas noites uma coisa estranha me aconteceu.

— Está chegando muito tarde, meu filho... — a velha estava fechando a carrocinha de churros na esquina e me deu um conselho que eu não pedi.

Sorri debochado. Que história era aquela de dizer para um marujo que determinada hora era tarde! Eu era dono do mundo, tinha acabado de fazer 21 anos e quem nessa idade tem medo de alguma coisa? Eu era um super homem na minha roupa de marujo.

— Feche a porta, meu filho. Não se esqueça... — continuou a velha. Parei e a encarei. Ela me ignorou, era como se eu não estivesse mais ali. Foi fechando seu negócio miserável, guardando as coisas e empurrando aquela carroça, um semblante inexpressivo, apenas mais um fim de dia em sua decrépita rotina. A velha desapareceu em meio à poeira cinzenta que o vento levantava na rua. Depois dela, só havia eu ali. E um silêncio interrompido apenas pelo uivo do vento serpenteando pelas árvores e os casebres do cortiço.

Eu voltava de uma festa, tinha bebido muito naquela noite. Quando cheguei no cortiço estranhei aquele silêncio mórbido. Coisa esquisita! Sempre tinha gente jogando baralho e bebendo no bar da esquina. Onde estavam todos?

Se não me falha a memória, aquele era um dia santo, desses que as pessoas guardam certas restrições. Bem, mas eu dizia que era ateu. Ou pelo menos achava que era. Que

Deus que nada! Santo, macumba, bíblia, isso era tudo mentira. Cresci na igreja evangélica, ouvi um monte de histórias sobre o diabo e nunca vi nada. A Marinha me mostrou o mundo e ele era bem maior que qualquer crendice. A Marinha foi minha segunda mãe. Eu acreditava em mim, no meu 38, no rabo-de-arraia que eu sempre levava comigo – todo marinho tinha um naquela época.

Eu não acreditava em nada... até aquela noite.

Entrei em casa e larguei a porta aberta atrás de mim. Isso não era incomum, muita gente fazia. O pessoal do cortiço era todo mundo amigo e, naquela época as coisas não eram tão violentas como hoje. Tudo bem, eu sou um pouco nostálgico, admito. Mas quem, na minha idade, não é?

Me atirei na cama, com sapato e tudo. Desabotei a camisa e me entreguei ao sono dos justos, ou melhor, dos bêbados. Mas eu não conseguia dormir. Tinha alguma coisa errada, eu estava meio no sono e meio acordado, me mexia de um lado para outro, a cama me parecia desconfortável naquele dia. Ouvi a voz da minha mãe. “Feche a porta, meu filho”. (a voz da minha mãe?)

Mas eu estava muito cansado, não ia levantar dali. Ignorando o mundo real, deixei a voz da minha mãe me acalmar, me concentrando no som da voz e não no que ela dizia. “Feche a porta, querido! Feche a porta, meu filho.” — insistia — “Filho, PELO AMOR DE DEUS!” – e eu despertei, me sentando na cama.

O coração estava acelerado e eu suava. Um vento frio entrava pela porta entreaberta e a janela de madeira abria e fechava violentamente. Eu me levantei ainda meio tonto. Estava no Rio de Janeiro, tinha um Brasil inteiro de distância da cidadezinha de onde me despedi de minha mãe pela última vez. Aquilo deveria ser alguma alucinação. “Será que alguém colocou alguma coisa na minha bebida?” — pensei.

Uma lufada forte de vento entrou pela porta, minha tontura aumentou e desabei sobre a cama. As janelas se agitavam e a porta se abria devagar, como se empurrada por algo invisível e perverso, à espreita. Eu tremia descontroladamente com aquele vento frio. Talvez estivesse armando uma tempestade, tinha uns relâmpagos à distância, o tempo estava realmente mudando. Me levantei de novo e fui até a porta. Havia uma neblina densa do lado de fora e eu vi alguma coisa se movendo.

Voltei no quarto, procurei minha arma, mas não a encontrei. Jurava que ela estava na gaveta ao lado da cama. Mas ainda tinha o rabo-de-arraia que eu deixei largado na cadeira.

— Quem está aí? — não tive resposta — Quem está aí? To avisando, eu to armado. — disse, tentando intimidar, a minha voz quase desaparecia em meio ao barulho do vento. Ninguém respondeu. Uma sombra se esgueirava pela neblina em direção a um casebre em ruínas. Fui andando devagar. Olhei dentro do terreno. Um muro arreventado, um casebre com portas e janelas em péssimo estado. Uns cachorros latiam ao longe. Resolvi agir com cautela. Tinha algo sinistro ali. Eu sentia alguma coisa passando por mim do meu lado direito e depois do lado esquerdo, olhava e não via nada. Era alguma coisa no vento. Eram lufadas frias, parecia que ia cortar a pele. Eu pensava estar lidando com algum ladrão de fundo de quintal, mas àquela altura começava a duvidar desta possibilidade. Pior do que lutar ou trocar tiros com alguém é enfrentar algo que você não sabe o que é. Uma coisa que não se define, mas apenas se esconde nas sombras. As histórias que os velhos contavam no Nordeste, debruçados nos cercados ou sentados nos degraus das casas me voltavam todas à mente de uma só vez. E de repente eu tinha 6 anos de idade de novo. Acreditando em tudo aquilo, olhando arregalado, me sentindo ameaçado por um mundo de coisas sinistras diante das quais eu era um inseto. Não gostei de me sentir assim. Tentei afastar aqueles pensamentos — eu era um homem adulto, um cara brigão, inclusive. Do que eu estava com medo?

Por via das dúvidas, entrei no terreno em silêncio. Passei por uma fenda do muro, pisei num monte de cascalhos até que afundei meu pé em algum tipo de lama.

E esta lama ganiu. Soltou um gemido sofrido, terminal.

Tirei o pé imediatamente, tombando para trás, caindo no monte de cascalho. A cabeça de um cão se movia vacilante, como uma planta balançando ao vento. Uma cabeça em seus últimos momentos, unida a uma lama de terra, sangue e tripas, o que sobrara de seu corpo miserável. Era um som terrivelmente sofrido, porém baixo, como se, apesar de precisar gritar a dor lancinante, tivesse medo de chamar atenção de algo. Me levantei para olhar mais de perto. A cabeça do cão tombou.

Senti vontade de voltar. “Merda! Larguei a porta aberta!” — pensei tentando justificar minha covardia. A neblina estava tão densa que eu não via mais minha casa. Fui em frente, pelo terreno baldio.

O que era aquilo? Quanto mais eu andava pisava em poças de sangue e restos de animais. A violência do vento derrubou alguma coisa dentro da casa, algo que pareceu

estilhaçar no chão. Talvez fosse uma janela velha que só precisava de um empurrão. Ainda assim, me assustei.

Havia um quintal de fundos, fui naquela direção. Tinha um varal e alguma coisa pendurada. Me aproximei com cautela, a essa altura eu já estava como num daqueles exercícios de guerra dos quais os fuzileiros navais se gabam, agindo silencioso, me movimentando com precisão. A coisa pendurada balançava com o vento.

Mas também balançava com vontade própria...

Mais ganidos. Oh! Meu Deus, eu sabia o que era aquilo! Outro cachorro. Que mente perturbada teria feito aquilo! O animal estava amarrado por uma perna e aberto num corte transversal, seu sangue escorrendo e as tripas caindo no chão. Alguma barbárie impensável estava acontecendo naquele lugar. Meu medo se misturou ao ódio. Eu tinha que saber o que estava acontecendo.

No fundo do quintal, só metade do muro ainda existia. Mais latidos de cachorros vindos daquela direção. Corri até lá. Esbarrei num latão de alumínio, acabei fazendo um barulho dos infernos. Os latidos aumentaram. E misturaram-se a sons sofridos de dor dos animais. Olhei pela fresta do muro. A neblina não me deixava perceber muito bem o que estava acontecendo. Havia um canal passando ali, uma água fedorenta, corrompida, correndo sem força, numa existência tóxica, meio perversa. Além do canal, um pátio lamacento do outro lado, uns montes de lixo e umas árvores que pareciam braços cujos galhos eram garras querendo agarrar alguma coisa no céu.

Havia uma sombra maior do que eu se movendo do outro lado. Os cães cercaram aquela coisa e latiam para ela. Num movimento brusco, a sombra agarrou um dos animais e o silenciou. Segundos depois, um som de esmagamento se misturou aos latidos e a parte de baixo do cão veio parar no canal, bem perto de onde eu estava. Agora eu não tinha mais dúvidas. Que quer que estivesse ali do outro lado, não era humano. Ninguém tem força para fazer aquilo em um cachorro.

Um dos animais foi arremessado na árvore e eu tive a impressão que um galho morto e pontudo furou a barriga do animal, deixando seu corpo pendurado no alto.

A coisa na sombra começou a atacar os cães agora com golpes precisos, mortais. Os frágeis animais caíam mortos como insetos. Foi então que... — oh meu Deus! — abrindo a neblina, como se fossem as águas de um lago, um cão maior que eu rasgou o véu da noite. A criatura estava tomada por algum tipo de raiva. Babava, rosnava, um rosnado

gutural, como o som de um leão velho e cansado. Seus movimentos eram ágeis e ele saltou para a beira do canal, farejava algo. Eu tinha certeza que ele buscava meu cheiro. Então algo muito pior do que ver um cão gigante destroçando os infelizes cães da vizinhança aconteceu. O “cão” ergueu-se. Ficou em duas patas. Não era um cão. Não era um homem. Não era coisa alguma que eu já tinha visto. Não conseguia ver ao certo a cara do monstro, mas seus dentes e sua língua salivando minha morte me pareceram bastante reais. Aquelas patas também não eram de um cão. Eram pernas. Como as de um gorila, um urso ou algo entre isso, não sei. Tinha um pelo rasgado, com umas feridas em carne viva, alguns ossos expostos. A criatura tinha pedaços pendendo de seu corpo que eu não conseguia distinguir se eram partes dos pobres animais barbarizados ou se eram partes daquela deformação que eu via a minha frente, extremamente viva.

Meus pensamentos sucumbiram a alguma reação primitiva, eu simplesmente parei de pensar e somente agia. Um pavor que nunca senti se apossou de mim e pus-me a correr pelo caminho de volta, mesmo não tendo certeza se conseguiria escapar. Corri para dentro da casa velha, me jogando pelos restos de uma vidraça quebrada, rasgando minha carne. Não sentia dor alguma. Corri em direção à porta do casebre ainda trancada e joguei toda a força do meu corpo contra ela, caindo do outro lado. Rolei no chão, me machucando nos montes de entulho e, me levantando de pronto, apenas segui em frente, sem saber sequer onde eu estava.

Não vi minha casa. Não vi a casa de ninguém. De repente eu estava na rua do cais, com a água pútrida de um lado e as casas velhas dos pescadores do outro. A luz do poste não vencida a neblina, ficava contida num breve círculo ao redor da lâmpada. Tudo embaixo era somente escuridão. Me lembro de haver pisado em poças de água, ter escorregado por um barranco.

Passos largos e pesados no meu encaço. Eu não olharia para trás. Usei todas as forças que tinha para saltar dentro de um barco a remo preso ao píer. Rapidamente me desfiz do nó que prendia a embarcação, enquanto toda a respiração possível não me era suficiente. Eu ia colapsar, com certeza. Peguei um cacareco de remo que, providencialmente fora largado na lama onde estava o barco e pus-me a remar.

Remei com todas as minhas forças. Remei com forças que eu nem sabia que tinha. Remei em direção ao nada, furando a densa neblina sobre a água quase parada da Baía de Guanabara. Não enxergava nada, não sabia para onde remava, tudo que eu queria era me distanciar ao máximo da ilha.

Vi uma luz ao longe, luz fraca, quase que totalmente estrangulada pela neblina. Remei tudo que podia em direção a ela. Aquela luz era tudo que eu tinha. Chegando mais perto, senti um grande alívio. Aquela era a luz da fragata.

— Ei! — gritei — ajuda! Por favor, ajuda!

Remei mais rápido. “Homem ao mar!” — quem sabe falando assim aqueles donzelos a bordo não tomavam alguma iniciativa.

As silhuetas de dois marinheiros surgiam timidamente. Eu acenava e remava. E não olhava para trás, jamais!

Eles me resgataram. Eu não sei de quem era o barco que usei para chegar ali e o larguei para trás quando subi na fragata. Os marujos devem ter tomado alguma providência. Ou talvez a capitania.

Subi trêmulo, morrendo de frio e, agora sim, todas as dores daqueles machucados pareciam ter finalmente agarrado meu corpo. Os homens me faziam perguntas. Eu não me lembro o que eles perguntavam, não conseguia falar, não conseguia prestar atenção em nada, só queria descansar a bordo, na segurança da fragata, com sua tripulação e todas as suas armas.

Estava febril. E com muitas dores. Fui direto ao banheiro, tomei um banho e o pessoal tratou dos meus ferimentos. O cozinheiro a bordo fez um chá e me trouxe uns pães. Sequer consegui terminar a refeição. Tombei na cama e dormi profundamente, um sono sem sonhos, até o dia seguinte.

Quando o comandante me inquiriu, não tinha escolha e acabei inventando uma história nada convincente de que alguns marginais tentaram me assaltar, eu reagi e levei a pior (“os caras usaram cacos de garrafas para tentar me matar”). O comandante me fitou por um tempo, não ficou de modo algum convencido daquela história. Por dias, talvez meses, eu senti que todos na base me olhavam com desconfiança. Mas eu fiz minha parte, “mantive meu emprego”.

Voltei para a ilha dois dias depois — precisava ver minhas coisas, minha casa. A vizinhança era a mesma. Tomei café na padaria, talvez ouvisse alguma história. Nada. Rotina normal, crianças brincando, uns caras desgostosos bebendo no bar. O velho abrindo a banca de jornal, enquanto uns garotos falavam de futebol. E a velha, na carroça de churros. Ela não me deu bom dia.

“Da próxima vez, só feche a porta da casa, meu filho... E deixe a noite do lado de fora”, disse.



O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Casa dos mortos

POR ALINE LAUXEN

Sinopse: A mulher, uma moradora de rua, se abriga em uma casa abandonada, e descobre que ela era usada como depósito de mortos por um serial killer. Enquanto ela ainda está lá, ele chega para se livrar de mais um corpo.

Aline tem 20 anos, mora na capital do Mato Grosso do Sul. Apaixonada por filmes de terror, cresceu com os olhos grudados na tela entre filmes de monstros e séries de psicopatas. Ao se apaixonar pela escrita, descobriu que o terror nas palavras podia ser tão assustador quanto nas telas e passou a escrever seus pesadelos. Encontrou nos contos de suspense algo para chamar de lar, e agora vive mergulhada nos mundos sombrios e sugestivos que cria.

A mulher suja andava devagar pela rua, olhando para todos os lados, procurando um bom lugar para dormir naquela noite. Aquele era um bairro novo para ela, mas já estava acostumada com a vida de morar nas ruas.

Andava de cabeça baixa, evitava os poucos pedestres que ainda vagavam no início da noite. Não que fosse preciso realmente, seu cheiro era repelente o suficiente para qualquer um que cruzasse seu caminho.

Caminhou até parar em frente uma casa abandonada. Parecia não ter um morador há décadas, estava aos pedaços. Satisfeita, atravessou o portão quebrado. O mato seco que crescia solto ao redor da propriedade arranhava até seus joelhos, desprotegidos na calça rasgada. Ela verificou se alguém a viu ali uma última vez antes de entrar pela porta que estava apenas encostada. Por dentro, a luz do luar ficava cinza, com toda a poeira no ar. Todas as paredes estavam pichadas, mas pareciam serviços antigos, então talvez ela não precisasse se preocupar com vândalos naquela noite.

Havia móveis que pareciam prontos para se despedaçar assim que alguém tentasse tocá-los. A mulher vasculhou os quartos do andar de cima, numa tentativa de encontrar alguns cobertores ou lençóis, para substituir seus próprios que guardava na sacola de lixo. Não encontrou nada, mas um dos quartos ainda tinha um colchão velho.

Ela jogou sua sacola no canto e tirou o colchão da cama, o colocando no chão ao lado da janela, virado para baixo, o forrou com seu cobertor velho e furado e deitou, se encolhendo e tentando dormir logo.

O som da porta de entrada abrindo a acordou.

Ela pulou de pé, andou a passos leves até a porta entreaberta, pegando seus pertences e indo até a borda da escada. Na escuridão da madrugada, não conseguiu enxergar com nitidez, mas havia alguém ali. O estranho saiu de seu campo de visão, mas o som de seus passos indicavam que entrara numa grande sala de estar vazia ali embaixo.

A mulher não perdeu tempo, tinha que sair dali antes que ele a visse. Pisou em cada degrau com cuidado, evitando os degraus que mais rangeram quando ela subiu, sua memória ainda era boa, mesmo que não se lembrasse mais de seu nome.

Ao chegar no fim da escada, olhou para a direção onde o estranho havia ido para confirmar que ele ainda estava lá, mas os passos dele voltando a fizeram entrar em pânico. Com o coração martelando em seu peito, correu para a primeira porta que

encontrou, à sua direita. A fechou delicadamente, ouvindo os passos cada vez mais próximos. Assim que soltou a maçaneta se virou.

O novo ambiente não tinha nenhuma janela, o cheiro forte era enervante, mas o ignorou, imaginou ser um armário, então estendeu as mãos para tatear e ver se podia se esconder atrás de alguma coisa. Suas mãos tocaram uma parede lisa à sua frente, mas não haviam roupas velhas ou vassouras. Continuou a tatear até sua mão tocar em algo de madeira. Um corrimão. Havia outra escada ali. Ainda ouvindo o estranho andando pela casa, a mulher agarrou o corrimão com suas duas mãos e começou a descer, degrau por degrau. Assim que os degraus acabaram, sentiu uma corda de metal em seu rosto, ao tentar tirá-la, puxou-a, e uma luz fraca se acendeu.

Em frente à seus pés, jazia um corpo nu. Um homem jovem, o peito marcado à ferro em forma de um círculo pequeno.

A boca da mulher se abriu, tentando sugar o ar empoeirado da sala, sua sacola caiu no chão em um baque silencioso, seus pés a levaram para trás e suas mãos correram para sua garganta. Tropeçando no primeiro degrau, ela caiu sentada, e apesar da expressão de horror em seu rosto, conseguiu segurar o grito que queria escapar.

Sua visão em túnel focou tanto naquele corpo, que demorou alguns minutos para ver que ele não era o único. De sua posição na escada, conseguia ver mais seis corpos, todos nus, e todos marcados com queimaduras idênticas no peito. Homens e mulheres, jovens. Pálpebras cortadas, olhos abertos em terror eterno. As extremidades das bocas foram cortadas para cima, como um sorriso macabro e sangrento.

Do teto da pequena sala, pendiam aromatizantes de carro em formato de pinheiros. Dezenas deles, mas não conseguiam mascarar cheiro pútrido de morte e desespero. A mulher inclinou seu corpo a tempo de não vomitar em si mesma, mas acabou por despejar o pouco que comera ontem no corpo no pobre garoto. A cena apenas a deixou mais nauseada e ela vomitou novamente.

Com a garganta ardente, sua cabeça leve e o corpo todo fraco ela tentou se levantar. De joelhos, apoiou suas mãos trêmulas no chão, e assim que fez o esforço para se pôr de pé, desabou novamente.

Ficou no chão, respirou fundo pela boca, tentando não sentir o cheiro, mas sentindo o gosto de sua bile. Tentou pensar em coisas positivas para se distrair, mas sua mente estava totalmente dominada pelos olhos cinzas dos corpos sem vida. Todos eles fitavam as escadas.

A mulher recobrou consciência o suficiente para ouvir, no andar de cima, passos. Ela havia se esquecido do estranho. Será que ele era o responsável por isso? Ou ele poderia ajudar? Suas dúvidas foram respondidas quando a porta para a escada foi aberta. Ele não entrou imediatamente, parecia com dificuldades. A mulher não perdeu tempo, com uma nova onda de adrenalina correndo por suas veias, se colocou de pé e puxou a corda para apagar a luz, ela então ficou na ponta dos pés, com os braços esticados até encontrar a lâmpada.

O estranho estava agora no topo da escada, diretamente a frente da mulher. Suas mãos trêmulas dificultavam enquanto ela rosqueava a lâmpada o suficiente para que ela ainda ficasse pendurada.

O rangido dos degraus a alertavam que o estranho estava a poucos passos de distância, ela largou a lâmpada, rezando para que ela não se soltasse, e se abaixou, dando apenas um pequeno passo para o lado da escada, se tirando do caminho direto, segurando sua respiração.

Ao terminar de descer, o estranho puxou a corda mas a luz não acendeu.

— De novo? — Sua voz era grave, autoritária. Ele soltou sua respiração irritado. — Tudo bem, querida. Vou trazer uma nova luz para você. Por enquanto você fica aqui.

Ele andou alguns passos, nunca tropeçando em nenhum dos corpos no chão.

— Voltarei amanhã. Cuidem de sua nova irmã.

A mulher sentia espasmos chacoalharem seu corpo. Seu pulmão exigindo oxigênio, mas ela precisava aguentar só mais um pouco, ele já estava quase saindo. Assim que ouviu a porta se fechar puxou uma respiração desesperada por entre seus lábios rachados. O cheiro a arrebatou novamente, mas não havia mais o que vomitar. Ela ficou parada ali, sem se mover por mais alguns momentos, se certificando que ele não voltaria. Então se levantou, e balançou suas mãos no ar até encontrar a corda metálica. Girou a lâmpada até estar firme e acendeu a luz.

Havia um novo corpo, uma garota, não mais velha que dezessete anos, nua, marcada e seu rosto deformado. Sua marca era nitidamente mais nova que a de seus companheiros de morte, seus cortes ainda brilhavam com o sangue fresco, as marcas vermelhas exalavam dor. Suas pálpebras também foram cortadas, mas seus olhos ainda não estavam cinzas, e seu rosto, embora virado na direção da escada, não estava perfeitamente angulado como os outros.

A mulher não resistiu a onda de compaixão que tomou conta dela. Se aproximou do novo corpo, tomando cuidado para não pisar em nenhum outro, e se abaixou perto da garota, acariciando seus cabelos cacheados.

— Sinto muito, — sussurrou — você não deveria estar num lugar como esse.

— Na verdade, — disse uma voz grave atrás dela — é exatamente aqui que ela deveria estar.

A mulher se virou tão rápido que caiu para trás, à pouco passos dela estava o estranho que havia acabado de despejar mais um corpo.

Com os olhos quase saltando para fora de suas órbitas, a mulher encarava o assassino com seu queixo caído e sua língua completamente travada. Qualquer pensamento coerente havia fugido de sua mente. "Como ele estava ali?" e "como eu não ouvi ele?" Eram perguntas menos importantes do que "o que ele vai fazer?" e "como eu saio daqui?". Mas o estranho parecia antecipar seus pensamentos.

— Não se preocupe com nada. Vou cuidar de você agora. — Disse sorrindo, e o sorriso que com certeza fazia garotas suspirarem lá fora, era apenas repulsivo em uma sala cheia de corpos.

A mulher se levantou rápido e tentou correr para a escada. Uma vã tentativa de escapar de alguém com muita experiência em subjugar outros. Não era a tentativa mais lógica também, já que ele estava ao lado da escada. Mas a lógica é sempre a primeira a abandonar quando a adrenalina entra em cena.

O homem a agarrou por trás e colou seu peito em suas costas. Ela tentou lutar, mas ele tampou sua boca e nariz com apenas uma mão.

— Shh, shh. Tudo bem. Você vai ficar bem aqui. — Ele a acalentava enquanto seu corpo passava novamente pelos espasmos da asfixia. Seu cérebro confuso e ilógico notou, inutilmente, que essa era a primeira vez que alguém a tocara em muitos anos. E enquanto pontos escuros tomavam conta de sua visão e seu corpo amolecia sobre o estranho, ele ainda a confortava.

— Tudo bem. Você vai fazer parte da família agora, não precisa mais ter medo. Estamos aqui com você. Vamos estar pra sempre com você.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

A loira do banheiro

POR NANCY SCARLETT-HAYALLA

Sinopse: Uma versão da lenda urbana A Loira do Banheiro. Uma cientista louca cria uma solução química capaz de reanimar os mortos e experimenta em sua ajudante já falecida. A experiência dá certo, mas a criatura foge e por coincidência, assombra o banheiro de uma escola.

Nancy é natural de Guarujá, São Paulo. Desde criança sempre sonhou em ser escritora e somente agora conseguiu realizar este sonho. Teve seus primeiros contos publicados nas antologias Tardes Quentes de Um Inverno a Dois, Atmosfera Fantasma, Tesouros Perdidos e outros... É uma contadora de histórias!

Esta lenda urbana é muito conhecida nos banheiros das escolas. E existem muitas versões dessa história...

Aqui foi o resultado de uma briga entre uma cientista e sua assistente. Anne era uma loira oxigenada, amiga da Dra. Evelyn West, filha adotiva e amante do sinistro Dr. Herbert West, o criador do soro reagente, conhecido como Re-Animator, que quando injetado na veia de um corpo falecido, reanima as funções vitais do corpo.

Na faculdade de medicina, Evelyn e Anne eram as melhores amigas. Ela contou sobre a técnica de reanimação e sempre realizavam suas experiências no laboratório nos fundos da casa de Evelyn.

Até que um dia, Anne resolveu trair a confiança de Evelyn. Decidiu se apoderar da fórmula, mas precisava se livrar da “melhor amiga”.

Porém o tiro saiu pela culatra. Durante uma briga, Anne acidentalmente bateu a cabeça em algum móvel do laboratório e morreu na hora.

Vendo ali uma oportunidade para mais uma experiência e também de vingar-se daquela traidora, Evelyn aplicou o “Re-Animator” em uma de suas artérias. Mas claro que antes do procedimento, colocou duas bolinhas de algodão em seu nariz para conter a hemorragia causada pela pancada e cortou a sua língua fora, para não falar sobre o que aconteceu.

— Levante sua cretina! — Foi a primeira coisa que ouviu assim que acordou. Se levantou com dificuldade com o corpo recém-reanimado. Evelyn riu dela quando se olhou no espelho e viu a sua nova aparência.

— Tá parecendo a loira do banheiro!

A criatura tentou falar alguma coisa, mas não conseguiu. Notou que estava sem a língua. Olhou para Evelyn se perguntando o que ela havia feito com ela.

— Isto é para você aprender a não apunhalar mais ninguém pelas costas! Sempre fui sua amiga e para quê? Para você jogar nossa amizade no lixo, roubar a fórmula do meu amado West e por causa de dinheiro? Você não passa de uma vadia!

Bem que a criatura tentou atacá-la, mas não conseguiu. Antes de reanimá-la, foi inserido em seu organismo um dispositivo que, caso tentasse alguma coisa, sofreria uma imensa descarga elétrica, como agora.

Enquanto a criatura se debatia no chão, Evelyn avisou:

— O mundo ainda não está preparado para alguém feito você... Sabe como é, a humanidade sempre temeu o que nunca entendeu... Então é melhor ficar aqui!

Ela se foi, a deixando trancada no laboratório. No dia seguinte, voltou e surtou quando encontrou o local totalmente destruído, com sangue e produtos químicos espalhados por todos os lados. Mas a pior parte foi ver que a sua criação não estava mais lá. E o dispositivo implantado foi arrancado. Viu que uma janela foi quebrada e tinha marcas de sangue misturadas com o “Re-animator” entre os estilhaços.

A criatura fugiu e agora estava vagando por aí.

— Ótimo, para onde ela foi?

Na hora, soube de uma notícia. Uma escola foi interditada pela polícia, pois segundo os alunos, uma lenda urbana mostrou ser realidade, “a loira do banheiro” assombrava as instalações do local.

Já imaginou quem seria. A sua maior vontade era deixar que a polícia exterminasse aquela coisa..., mas ela pode ser capturada e examinada.

— Até mesmo depois de morta, ela tem que me dar trabalho...

E para evitar que isso aconteça, Evelyn decidiu ir atrás da criatura e se livrar dela, antes que cause mais problemas...

Finalmente chegou na escola.

Enquanto pensava numa maneira de entrar sem ser vista, se perguntava como foi que aquela coisa chegou e como a tiraria de lá. Bom, primeiro tinha que encontrá-la.

Durante o caminho, viu rastros de sangue misturados com o soro reagente pelo chão, no segundo andar do colégio e eram recentes. Ainda estava no prédio. Só precisava saber onde estava.

Não precisava mais... ela estava bem na sua frente.

— Você tinha que fazer merda!

De repente, a criatura foi para cima de sua criadora e as duas começaram a lutar ali mesmo no corredor da escola. Anne levava um pouco mais de vantagem, pois já estava morta e não sentia dor. E o cheiro de sangue junto com o “Re-animator” era insuportável. Isso porque Evelyn já era habituada ao odor da morte.

As duas continuaram brigando, até que Evelyn conseguiu escapar de Anne. Viu um machado de bombeiros pendurado na parede, quebrou a vidraça e as duas disputaram o objeto, até que Anne derrubou Evelyn, a deixando caída no chão à sua mercê. Ela bem que tentou acertá-la com uma machadada, mas Evelyn foi mais rápida, rolando para o lado. Enquanto brigava com o machado preso ao chão, Evelyn se levantou e a empurrou, bem na direção do cabo no machado, atravessando o corpo da morta-viva.

— Isto é para mostrar quem é que manda aqui! Eu te dei a vida e posso muito bem tirá-la de você!

Agora precisava sair dali. Na hora em que retirou o cabo do machado do corpo, levou um susto. A criatura ainda estava viva e tentou agarrá-la. Mas desta vez, Evelyn conseguiu arrancar o machado do chão e com um golpe certeiro, decepou a cabeça de Anne.

Mesmo sem a cabeça, o corpo ainda ficou se debatendo. Evelyn teve de destroçá-lo a machadadas. Tirou do bolso de seu jaleco um saco de lixo e guardou dentro dele os restos do corpo de Anne, junto com a cabeça, é claro.

Assim que conseguiu fugir da escola, Evelyn foi até um local perdido no meio do nada, na beira de um rio, jogou alguns produtos químicos e um palito de fósforo aceso no saco de lixo. Claro, fez tudo isso usando luvas!

Quanto à família de Anne, também deu o seu jeito. Mandou uma mensagem no whatsapp, dizendo que fugiria com o diretor da Faculdade de Medicina onde elas estudaram, com “certas fotos” deles, comprovando o caso. Sim, ela sabia do caso dos dois.

Enquanto a “loira do banheiro” era consumida pelas chamas, o verdadeiro monstro simplesmente foi embora.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Uma volta e três quartos

POR DARA PINHEIRO

Sinopse: Uma moça grávida da cidade se vê presa em uma atmosfera de superstição e horror em uma cidadezinha do interior.

Dara de Lima, escritora nascida em Belém do Pará e atualmente residente no Rio de Janeiro. Tem 34 anos de idade e é formada em Biologia, atuando como professora de escolas públicas no Rio de Janeiro. Seu estilo literário é predominantemente Horror Folclórico, embora também se aventure pela Ficção Científica e pela poesia.

Naquela cidade quando não tinha chuva, tinha nevoeiro. Um inferno! Todo santo dia no fim da tarde a umidade do oceano subia a serra e virava uma cortina cinza que encerrava as atividades diárias de qualquer cidadão. Todo mundo se encolhia, tremendo na chuva fina, como caracóis de volta para suas casas.

Todo dia às seis horas tocava o sino da igreja e soava uma ave-maria estridente nos alto-falantes da praça. E por causa da neblina, do eco serra ou sei lá o que, aquela ave-maria parecia vir diretamente dos céus, onipresente. Todo mundo fechava as portas e janelas e ia dormir. A internet nunca pegava direito, e pra ver televisão aberta era melhor nem ver tevê.

Ela não via a hora de ir embora dali, mas ele tinha prometido: só um ano, nada mais. Só o que faltava pra ele completar o trainee na empresa, e seria promovido. E iriam pra algum lugar em que o dia não durasse só dez horas. Mas aí ela engravidou, e a reformulação do sistema de telecomunicações que ele prometera pra empresa não saía: era impossível fazer o sinal chegar ali naquele canto entre montanhas! Mas a empresa exigia, queria expandir sua cobertura de qualquer maneira.

Quando ela engravidou não sabia. Dona Iracema da esquina que “avisou”:

— Ah que bênção, vai ser uma menina!

— Oi?!

— Sim meu bem, vai ser uma menina! Dá pra ver pelo jeito que você está andando.

— Como assim Dona Iracema, não to grávida não!

Teria ela engordado tanto? Não, certeza que não. Que papo estranho, ela tomava injeção, impossível! Mas aí vieram as dores nos seios e os enjôos de manhã... Adoeceu, Dona Iracema trouxe sopa.

— Eu não te falei, menina? Já ajudei mais de 200 crianças a vir pra esse mundo, eu sei dessas coisas!

— Como a senhora sabia? Eu só fiz o exame ontem, ainda nem peguei o resultado... – Se bem que ela já sabia, lá no fundo.

— Vai dar positivo. E é menina!

As semanas se passaram, e a velha tinha razão. Liz não tinha família e jamais planejava estar grávida, na verdade ela achava que era impossível, pois o médico tinha dito uma vez dos ovários policísticos... Então ela aceitou a ajuda e a intromissão da velha. Ela já não parava com mais nada no estômago e estava emagrecendo, como se fosse possível uma grávida emagrecer. Só a sopa da velha ajudava, uma sopa de galinha com legumes e algum tempero que ela não reconhecia, uma verdadeira gororoba pra quem olhasse, mas era o que salvava a vida dela.

— Minha filha quando vier a vontade de vomitar segure isso com a mão esquerda – Disse a velha lhe dando uma chave de bronze antiga, como aquelas de guarda-roupas velhos.

— D. Iracema, isso não faz sentido...

— Faça minha filha, faça e verá.

Liz resolveu não dar bola, sempre achara aquelas bobagens de cidade pequena ridículas. Jogou a chave numa gaveta e foi se deitar. Estava magra, com um calombinho no baixo ventre que era o arremedo de barriga que tinha.

Então um dia ela começou a vomitar e vomitar, até água ela vomitava, e num desespero pegou a chave... e num passe de mágica aquilo tudo parou. Conseguiu comer uma banana e beber um chá. Eduardo não estava em casa, pra variar: chegava tarde e saía muito cedo, e não entendia como a mulher podia estar tão cansada sem fazer nada o dia todo. Reclamava que não tinha janta, reclamava de ter que passar as próprias camisas pra trabalhar, reclamava que a mulher não queria nada com ele. Reclamava que ela roncava, mas o curioso é que antes ela não costumava roncar.

A parte mais terrível da gravidez passou, e veio aquela parte em que para a maioria das mulheres tudo corre bem, existe mais energia e vigor e um brilho corado no rosto. Mas com Liz nada disso ocorrera: ela continuava magra e pálida, com olhos encovados. Sentia dores nas laterais do ventre, físgadas terríveis. A médica lhe passou vitaminas e injeções de ferro, e disse que as físgadas eram normais.

— Você tem uma rolha? — Perguntou a velha uma manhã. Como Liz não dava conta da casa, a velha se ofereceu para ajudar e já era presença fixa todo dia.

— Tenho algumas ali, de vinho. Por quê?

— Vou te fazer um chá.

— Um chá de rolha?!

— Sim, melhor coisa pra cólicas!

Liz pegou a rolha e lhe deu, incrédula. Ridículo aquilo tudo, mas resolveu entrar na encenação só para não se aborrecer. Não tinha ânimo nem para discutir. Então ela tomou o chá e foi melhorando, até que ela já podia se levantar da cadeira sem se curvar.

Quando fez seis meses de gravidez acordou de noite e não podia se mexer. O peito pesava, o ar não vinha, e o desespero foi crescendo como uma onda a afogá-la. Olhando para ela das vigas do telhado lá estava um enorme mocho marrom com olhos vermelhos. Abriu a boca em um grito, mas o ar passava pelas cordas vocais sem vibrá-las, e um esguicho de ar era tudo o que havia. Se debateu, em vão, pois os membros não respondiam... Quando teve certeza que ia morrer, Eduardo a sacudiu:

— Liz, cê ta roncando DE NOVO! – E então se levantou e foi dormir no sofá. Ela, porém, não dormiu mais, procurando com os olhos o mocho nas vigas. O relógio na parede marcava três horas da madrugada...

Algumas semanas depois, quando ela já nem dormia mais à noite de tanto pavor, sentiu uma tontura e se sentou. Foi ao banheiro, resolvera tomar um banho para melhorar, e então percebeu aquele pequeno sangramento na calcinha. Correram para o hospital, serra abaixo, às três horas da manhã, naquela estrada escorregadia e tortuosa. Chegaram no hospital e ela foi atendida imediatamente. Estava com uma anemia gravíssima, teriam que interná-la. Eduardo ficou muito preocupado e um pouco culpado, mas ela o tranqüilizou. Estranhamente, se sentia melhor com o soro, e o cheiro estéril do hospital a fazia bem. Ela o convenceu a voltar para casa, e lá ficou, finalmente dormindo como nunca na vida. Como nunca mais dormiria, disse Marta, a enfermeira:

— Aproveita pra dormir minha filha, depois que filho nasce a mãe não dorme nunca mais!

Quando fez oito meses a filha nasceu, incrivelmente forte diante de tudo o que acontecera. A menina pesava quase quatro quilos e tinha uma cabeleira escura lindíssima. Marta ficara amiga de Liz, no cuidado diário, e depois do parto perguntou:

— E já marcou o batizado?

— Ah não, não vamos batizar. Eu e meu marido somos ateus, não somos de igreja.

— Tá, mas precisa batizar mesmo assim! A criança não pode ficar pagã!

E começou a falar dos causos da terra dela, lá no Piauí: que a criança pagã não tinha defesa contra nenhum dos espíritos maus. Os espíritos lentamente drenavam o sangue da criança até ela definhar e morrer.

— Ora que bobagem, Marta! Eu nunca fui batizada e estou bem...

— Está mesmo, minha filha? Disse a enfermeira, antes de se retirar.

A criança recebeu alta antes da mãe, que ainda estava perigosamente anêmica. Mas como não tinha família que a levasse, ficaram mãe e menina mais uma semana no hospital. Foi chamado um hematologista da capital e ele parecia preocupado com os exames, algo não batia... Mas mesmo assim recebeu alta, com uma receita de vitaminas e o compromisso de voltar em um mês. Antes de irem embora Marta veio se despedir, trouxe uma cesta com bolo, canjica branca (pra dar leite, segundo ela) e alguns sapatinhos em crochê feitos por ela. Trouxe também um cordel e um catecismo:

— Minha filha, eu fiquei doidinha em casa procurando isso pra você. É pra ler, viu?

Liz foi ensinada pela mãe: Aceite qualquer bênção, venha de onde vier. Demonstre respeito pela fé dos outros, sempre! Então ela aceitou, agradeceu e trocaram telefones.

Quando chegaram em casa, ela e Eduardo, a casa estava limpa, toda faxinada. Tinha galinha ensopada no fogão e comida congelada pra uma semana. Dona Iracema logo apareceu para ajudar, mas Liz apenas agradeceu tudo o que ela tinha feito pra recebê-la e disse que voltasse amanhã. Na verdade não queria ver a velha mais, a achava incômoda, e ela fedia a alho ou algo assim. Mas sempre ajudou tanto, então não queria ser ingrata.

Colocou a menina no bercinho e foi tomar um banho, finalmente podendo se esticar debaixo de um cobertor que não tivesse cheiro de clorofórmio. Pegou a cesta de Marta e se pôs a arrumar as coisas, esquentou e tomou a canjica, era realmente muito boa. Foi então que resolveu pegar o cordel para ver. Nunca tinha lido um cordel, e se deu conta do quanto eram gostosas aquelas rimas. Só depois que foi se atentar para a história, que falava de uma figura sinistra chamada Pisadeira. Ela sufocava as pessoas de noite e sugava seu sangue, depois lambia a ferida pra não sangrar mais. Ela tinha uma predileção por crianças não batizadas... Liz foi gelando a cada verso, que narravam como se deveria pendurar um terço no berço das crianças pagãs para protegê-las, e como impedir que a criatura entrasse em casa à noite. Aquilo era absurdo, mas Liz já tinha passado do limite

da plausibilidade com tudo aquilo. Aquela cidade parecia aprisionar e amplificar as coisas, e o real era relativo ali. Ela então percebeu como as pessoas dali, sempre muito simpáticas umas com as outras, pareciam ignorá-la com delicadeza. Foi então que ela entendeu que tinha algo errado com ela, de alguma maneira...

Naquela noite foi a última a dormir e fez o que era necessário: Fechou todas as portas com cuidado especial. E esperou... Quando o relógio marcou as três horas uma sombra se moveu no alto pé direito de madeira. Liz cuidou para que sua respiração continuasse constante e profunda, sem denunciar seu medo. Dois olhos vermelhos se acenderam na escuridão, e foi difícil conter o horror. Era real, ou pegara no sono? Fincou a unha na palma da mão para se certificar de que estava acordada... A sombra escorreu pela parede e formou um poça do lado da penteadeira, depois se ergueu como fumaça e tomou forma: uma figura de capuz exalava um cheiro nauseante de alho ou algo assim... Na verdade mais “algo assim” do que alho exatamente. E a figura deslizou sem emitir um ruído, direto para o berço da pequena Lívia, que dormia como dizem que os bebês nunca dormem. Foi aí que a figura estancou, emitindo um silvo: tinha algo errado. Farejou em torno do berço e começou a guinchar, praguejando em alguma língua que há muito tempo nenhum ser deveria falar. Inconformada, a sombra veio até a cama de Liz e também farejou e guinchou. Suas garras de rapina se esticaram até o peito da moça, mas depois recuaram como se o fogo de sete fornalhas estivesse ali. A figura então se expandiu até cobrir todo o teto como uma nuvem, rodopiou e correu para a sala. Liz cuidadosamente se levantou e foi atrás com algo que escondera embaixo do travesseiro.

Na sala a figura se contorcia e emitia silvos surdos diante da porta, quando Liz se aproximou dela, pé ante pé, descalça, e enfiou a velha tesoura de costura enferrujada com toda força, até o cabo.

— Minha filha não, sua maldita! — Ela disse praqueles olhos vermelhos que lembravam certo alguém.

— Como?! – perguntou uma agonizante coisa-Iracema.

— Eu descobri: uma volta e três quartos na fechadura. Vai se alimentar no inferno!

E então abrindo a porta chutou a velha lá pra fora, que caiu, rastejando para a saída. Deu uma escarrada na direção da velha e fechou a porta: uma volta e três quartos.

No dia seguinte Iracema tinha ido embora da cidade, ninguém sabia bem o motivo. E Liz marcou uma hora com o padre:

— Quero me batizar.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

o espelho sem face

POR EVELYN CAROLINE DE MELLO

Sinopse: O banheiro de uma universidade pode ser cena de episódios terríveis. Loiras, antes anônimas e inofensivas, podem demonstrar comportamento inesperado quando ganham faces antes desconhecidas. Os valentões também sucumbem diante de um horror inusitado. Quem nunca ouviu falar sobre a Loira do Banheiro?

Possui graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2007), mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011) e doutorado em Estudos Literários - UNESP - Araraquara (2018). Atualmente é Pós-doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos e atua como professora de língua portuguesa do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Por isso havia se acostumado a vagar. Permanentemente de cabeça baixa, os longos cabelos loiros caíam desajeitadamente sobre o rosto sem face. Não havia pente que desse jeito. Há muito livrara-se do espelho, material dispensável quando tantos olhos não te dão reflexo. Nem sabia mais se lamentava ou comemorava o anonimato. O moletom, sempre maior que seu tamanho, ocultava as várias marcas de violências presentes-passadas, mas ainda frescas: tintas vivas, mais no corpo que na alma.

Seu passeio pela vida nunca fora fácil, nascida, mas sem mãe; concebida sem pai – família nenhuma. Árvore sem raízes, galhos tortuosos. Para ela, a estação nunca era favorável.

Chutou uma pedra, olhou para o portão da universidade. Na verdade, espreitou com aquele olhar-entre-cabelos com a urgência de não ver. Apenas ouviu. Quando a notavam era nítido. Distinguia perfeitamente o eco das risadas que ressoavam na cabeça com altura multiplicada. Nunca fora escolhida para nada. A evitavam abertamente. Pernas finas demais, sempre com blusa de frio, pelos cantos, pedindo desculpas por existir.

Pegou a pedra maior que encontrou; agarrou a pedra. Não mais chutaria pedras minúsculas.

Como um amuleto, abraçou-se à pedra como quem agarra a vida. E lá estavam eles: os mesmos de sempre. Sempre a agredir, humilhar, provocar. Queriam uma reação. Preferia o tempo em que passava longos meses sem que sequer notassem sua presença. Agora, notavam. Apalpavam. Não tinha um minuto de sossego mais.

Tossiu ansiosa. Daria a volta para não passar por eles. A última vez que tentara afrontar, terminara cercada, agarrada por um sem número de mãos. Se não fosse o guarda teriam conseguido consumir o ato. Chegou em casa. Casa? Um cômodo que alugava e onde dormia, quando não vagava por esquinas. Tomou banho, esfregava sem conseguir tirar o cheiro e toda a sujeira que havia ficado impregnada. Lembrou-se do rosto na lama, o protegia com as mãos para que não vissem que era um rosto sem face. O mesmo rosto que manhã após manhã, não acusava reflexo no espelho.

Agora, ali, parada, ainda sentia a dor dos pontapés. Eram tantos problemas a resolver. Mas estava pronta. Aquela manhã, havia conseguido retornar dos mais profundos abismos

e enfrentou o buraco negro presente em sua cara. Com a sutileza de quem quer passar pela vida sem incomodar, contornou o comprido pátio e alcançou o banheiro masculino.

Entrou. Não era adequado que mocinhas entrassem naquele local. Às favas!

Afagava a pedra. Já não se importava com os olhares curiosos. Nada mais importava. Apenas o instante da transformação perene e solene. Cronometrava os minutos para o momento em que começaria a desenhar novos caminhos para a vida.

Deu uma olhada pelo ambiente. Tirou calmamente os cabelos da frente do rosto e os prendeu para que pudesse ficar mais à vontade. Antes de começar, deu vários chutes nos mictórios, até que um deles se estilhou por completo. Olhou os cacos espalhados pelo chão. Estava acostumada com eles. Eram íntimos.

Deixou a pedra de lado, pegou um dos cacos maiores e foi direto ao espelho. Olhou. Analisou profundamente a falta de fisionomia e pensou nos traços que gostaria de ter. Primeiro corte foi onde era para ser a boca. Em seguida olhos e nariz. Fazia linhas precisas. Quanto mais doía, mais a animava e dava forças para prosseguir. Lentamente, o espelho começou a mostrar alguns contornos. Junto à face emergiram as cicatrizes, grossas e escurecidas porque antigas.

Faltando pouco para terminar o contorno dos olhos, foi surpreendida por um dos valentões da turma. Reconheceu-o pelos pés. Sentira sua força na tarde passada. Olhou-o com firmeza e curiosidade. O lábio recém desenhado a cacos, sorriu de canto. Notou que o rosto do grandalhão se desmanchava de espanto, sem saber muito bem o que pensar. Recuou assustado até um canto, tentando bolar uma estratégia para correr e pedir ajuda. A imagem daquele rosto coberto de cortes a encará-lo não poderia ser mais repulsiva. Ela, repleta de uma delicadeza recém-descoberta, tentava ensaiar olhares para seduzi-lo. Queria medir a potência da nova face. Com os olhos grudados nos olhos dele, deslizou a mão, recolheu a pedra, caminhando lentamente em sua direção.

Do lado de fora, os alunos se organizavam para mais um dia. Entretanto, gritos de horror cortaram o clima pacato de mais uma noite preguiçosa de primavera. Enquanto tentavam entender de onde vinham os gritos, viram passar uma moça incomum. Incrivelmente bela, loira e charmosa, deslizava como se soubesse que sua beleza estonteante seria capaz de atrair qualquer olhar, mesmo o mais distraído. Embriagados pela aparição, quase se esqueceram dos urros que há pouco ecoavam pelo pátio.

Ao entrarem no banheiro masculino, foi impossível controlar as contorções de náuseas que tomavam conta dos corpos em pânico. Ali, com a cabeça destroçada, estava o popular Eros, conhecido pela crueldade e popular pela virilidade agressiva que esbanjava pelos corredores da universidade. Em câmera lenta, todos tentavam entender o que ali se passara e, incrédulos, perceberam que não dariam conta de todo o terror do cenário: mal haviam dado conta de entender aquele crânio esmigalhado, toparam com outra cena que lhes provara a crueldade do que acabara de acontecer. As calças abertas do rapaz acumulavam uma quantidade incomum de sangue. Mais além, fixado no espelho, seu pênis, antes motivo de tanto orgulho, agora estava exposto e desprotegido. Pelo enorme caco ao lado do homem, dava a entender que havia sido decepado a sangue frio com o estilhaço do próprio mictório.

O mais curioso é que não restara a menor pista do autor do crime. A perícia, posteriormente, encontrara um único fio de cabelo loiro e procurava juntar o quebra-cabeças desse crime macabro. A única certeza era de que seria mais de um agressor. Certamente fortes o suficiente para render o rapaz. Outros não aceitavam a versão da polícia, afirmando que essa tragédia havia sido obra, muito possivelmente, da misteriosa loira.

Em casa, com a televisão ligada, ela penteava o cabelo. Olhou para o espelho, deu um sorriso. Havia uma cicatriz ainda, próxima ao olho esquerdo. Sorriu de canto. Ouvia com interesse a história da famosa loira do banheiro. Por isso havia se acostumado a vagar.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

A bengala

POR MARIANA BERNICCHI

Sinopse: Um casal se muda para uma casa muito estranha, cujo antigo inquilino é muito esquisito. Esse clichê é antigo, mas dá espaço para muitas possibilidades e especulações. Que segredos a nova residência esconde? É possível levar uma vida tranquila lá? Seriam os acontecimentos tenebrosos deste conto verdadeiros, ou apenas frutos da paranoia da mente humana?

Mariana Bernicchi tem 21 anos, é formada em Letras e tem paixão pela literatura de estilo gótico. É adepta da ideia de que mulheres são especialistas em muitas coisas, e escrever para gelar os ossos é uma delas.

A história que vou contar agora pode parecer bizarra, mas devo alertar-lhes que ocorreu. Como poderia eu, a personificação da seriedade e do ceticismo, imaginar que acontecimentos sobrenaturais realmente fossem possíveis?

Tudo começou quando eu e minha esposa, na época ainda viva, fomos visitar um solar antigo e rústico, tentados a comprá-lo. Ao chegarmos lá, um senhor de aparência peculiar e personalidade melancólica nos recebeu. Perguntei-me, a princípio, se ele era cego, pois seus olhos muito claros, de íris quase brancas, não nos cediam contato visual em hipótese alguma. Sua face enrugada parecia nunca ter sorrido em todos os anos de vida que carregava numa coluna retorcida, o que me fez sentir um lapso de pena ao observar seus dedos frágeis de unhas compridas, que envolviam a empunhadura de uma longa bengala de mogno. Nas poucas vezes em que abriu a boca para falar, sua voz soou rouca e grave. Não parecia muito desesperado para vender o casarão. Pelo contrário; o ancião mostrava-se extremamente apegado àquela estrutura, e fez questão de mencionar, em uma de suas curtas frases, que o único motivo da venda eram suas dívidas.

Ao entrar na casa, confesso que senti certo desconforto. Havia poucas janelas e, por isso, o ambiente era escuro; a casa estava mal cuidada, empoeirada e cheirava a mofo. Minha mulher, entretanto, ficou encantada com o espaço que, em suas palavras, “era majestoso como um palacete”. Sugeri que a comprássemos logo e começássemos a reforma dentro de duas semanas, pois teríamos muito o que melhorar naquela construção para vivermos confortavelmente com os filhos que pretendíamos ter.

Após meses de reformas, mudamo-nos. Durante as primeiras noites, quando estava deitado em minha cama, via vultos no escuro e ouvia barulhos de passos subindo as escadas, cada vez mais próximos de mim. Sim, eu sempre fui muito cético em relação a histórias de assombrações, mas não era isso o que me preocupava. Ainda não. Minha paranoia era justificada pelo medo de invasores humanos e reais, que representavam a verdadeira ameaça à nossa segurança. Sempre acreditei que a mente humana fosse capaz dos mais perturbadores devaneios, tornando-se, portanto, o perigo real. Ledo engano.

Em uma manhã bem cedo, enquanto minha mulher dormia, decidi revistar a casa à procura de algo que explicasse esses estranhos acontecimentos. Talvez uma passagem secreta ou esconderijo, quem sabe. Sem hesitar, desci ao porão. A cada passo, a escada rangia lentamente. Eu olhava para as paredes e via mais e mais teias de aranha a cada

degrau. O cheiro de bolor era quase insuportável, porém adequado ao ambiente. Um lugar velho, apodrecido e muito sombrio. A impressão que eu tinha era de estar em um de meus mais pútridos pesadelos.

Dei uma breve olhada ao meu redor e acabei me dando conta de que havia uma porta escondida debaixo da escada. Uma porta que não havíamos aberto durante a primeira visita ao lugar. Como não era um homem covarde, fui andando até a porta, girei a maçaneta e me vi em um quarto abafado. Ratos e baratas corriam de um lado para o outro, e uma mescla de cheiro de sujeira e mofo chegava às minhas narinas. Manchas de sangue no chão formavam um caminho até um armário que, à primeira vista, não parecia esconder algo. Notei que as manchas continuavam até mesmo debaixo do armário, arrastei-o com a esperança de encontrar algo sob ele, mas, na verdade, o que eu encontrei foi um quadro todo empoeirado na parede. Resolvi tirá-lo do lugar para vê-lo melhor e, quando o fiz, fiquei atônito por causa de outra coisa. Havia um buraco na parede, onde estava, plena e imóvel, uma cabeça humana intacta, porém sem corpo. De repente, a porta bateu, e o quadro que estava em minhas mãos estilhaçou-se no chão. Lembro-me de ter saído correndo e batido a porta do porão, ofegante e desesperado para mostrar à minha esposa o que acabara de encontrar.

Quando me vi em meu quarto, meu coração batia muito forte. Com o barulho dos meus passos subindo as escadas rapidamente, ela havia acordado.

— Vamos chamar a polícia! – bradei no segundo em que nossos olhares assustados se encontraram.

Todavia, quando descemos ao porão e entramos no recinto abafado, meu desespero aumentou. O quadro ainda estava no chão, estilhaçado como eu o deixara, porém, havia algo muito errado. Não vi manchas de sangue, não vi buraco na parede, não vi nenhum crânio decepado. Tudo o que restara era a incredulidade de minha esposa (e minha) no que eu acabara de ver.

Após algumas semanas regadas a sessões psiquiátricas, eu já havia superado o temor. Acreditava que tudo fora um devaneio, e, como já disse, não acreditava em acontecimentos sobrenaturais. No entanto, em uma noite, deitado na minha cama novamente, avistei um vulto no escuro, porém continuava a não querer acreditar que tudo aquilo fosse real. Tentava dormir, mas comecei a sentir dedos ásperos e pontudos me tocando. Olhei para minha esposa achando que ela queria dizer algo, até perceber que ela permanecia imóvel. Ela dormia profundamente, o que me preocupou. Se não era ela, quem

poderia ser? Acendi a luz e avistei a cena mais horrenda que qualquer homem no meu lugar poderia imaginar: um corpo decapitado, curvado e muito familiar. Tive a impressão de já tê-lo visto antes, exceto que, além da cabeça, faltava algum detalhe. Apavorado, acordei minha esposa e perguntei se ela também estava vendo o corpo ao meu lado, e ela disse que não, porém eu continuava enxergando-o. Ela pareceu não se importar, virou-se de bruços e voltou a dormir. Deve ter pensado que eu estava enlouquecendo. Voltei meu olhar para a criatura novamente, mas, dessa vez, não a vi. Pronto! Foi ali que comecei a ficar fora de mim. Não era mais aquele homem corajoso e racional, que nada temia. Minha própria imaginação fizera de mim um fracote.

Passsei a noite em claro, pensando em tudo o que já havia me acontecido naquela casa. Continuava olhando para o lado para ver se aquela figura monstruosa aparecia novamente. Virava de um lado para o outro, mas tudo aquilo não saía da minha mente. Queria saber se a cabeça havia retornado ao porão e não aguentava mais ficar ali parado. Sem pensar muito no que estava fazendo, desci as escadas e entrei no quatinho. A cabeça estava novamente no buraco. Em meio ao desespero, lembrei-me de que, quando a vira pela primeira vez, esquecera-me de observar a imagem que o quadro escondia sob a poeira. Com as mãos trêmulas, ergui o quadro do chão e limpei o retrato com as mangas do pijama. A imagem que vi me deixou pasmo: era do antigo dono da casa, aquele velho estranho e carrancudo, que segurava uma bengala de mogno. Olhei mais atentamente para a cabeça e percebi que ela se assemelhava à do velho. Agora tudo se encaixava. Sem dúvida, havia um fantasma me perturbando, fosse ele real ou não. Supus que aquele maldito velho estava morto e que tentava tornar a minha vida um inferno, entretanto, não entendia o motivo. Apenas decidi que não permitiria que isso acontecesse.

Fui correndo ao meu quarto, peguei algumas peças de roupa e comecei a guardá-las numa mala. As roupas caíam no chão, o zíper emperrava, e parecia que algo não queria que eu deixasse aquele lugar. Olhei ao meu redor e comecei a perceber que o papel de parede que havíamos escolhido para o quarto estava descascando de cima para baixo, revelando novamente a parede com marcas de infiltrações. Fora isso, a porta do banheiro suíte sacudia-se num balanço, deixando aparentes as dobradiças que havíamos restaurado. O piso em que eu estava perdeu seu aspecto envernizado, e todo o resto da casa começou a mudar de volta ao que havia sido um dia.

Finalmente, as malas estavam prontas. Sacudi minha mulher violentamente e ela acordou confusa, sem entender o que estava acontecendo. Puxei-a pelo braço e arrastei-a pela escada cuja madeira voltara a ranger, gritando que tínhamos de sair dali.

Já estávamos na porta da casa quando ouvi o som de passos, como se alguém estivesse descendo as escadas lentamente, degrau após degrau. Tentei tirar minha atenção daquilo para me concentrar em achar a chave da porta. Encontrei-a pendurada em um enfeite e, com meus dedos nervosos, levei-a até a fechadura, mas não conseguia encaixá-la no buraco e acabei deixando-a cair. Os passos pareciam estar cada vez mais próximos, até que, finalmente, abri a porta. Com pressa, fui até o carro, pus minha mulher no banco da frente e a mala no porta-malas. Sentei-me no banco do motorista e bati a porta bruscamente. Notei que aqueles passos misteriosos já eram inaudíveis.

Quando tentei dar a partida no carro, ele não pegou, e senti o perigo se aproximando. Quase sem tempo para respirar, tentava dar a partida a todo o custo. Até que, por sorte, o automóvel ligou e começou a andar, e pude distanciar-me da casa. Imaginava ter me livrado finalmente do demônio que tanto me assombrava. Contudo, quando olhei para o retrovisor, percebi que estava enganado. No banco de trás havia um objeto que me era familiar. Uma bengala, para ser mais exato...





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Quadros no corredor

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

Sinopse: O conto narra a história de uma mulher assombrada pelas imagens de dois quadros de sua avó na infância. Depois da morte da velha, a família decide queimar todos os pertences da mesma por acreditar que uma das imagens tenha ganhado vida e provocado à morte da idosa. Anos mais tarde, as duas imagens retornam a casa da narradora, agora já recém-casada, trazidas por seu marido. É, a partir desse momento que começa o desespero da personagem, porque os quadros colocados no corredor do pequeno apartamento ganham vida novamente, e ela precisa correr contra o tempo, para salvar a vida de seu marido, o novo alvo das criaturas que saem do quadro para se divertir, matando as pessoas.

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (UEPA). Escreve poesias e contos (publicados em diversas coletâneas e revistas), além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

Gosto de paredes brancas, claras, se pudesse transparentes! Vazias, com nenhum apetrecho ou detalhe que possa me chamar atenção. Foram assim, todas as paredes de todas as casas em que vivi depois da infância. Depois que ela morreu, e não deixou para mim, o dever espiritual de guardar objetos que narrassem histórias de experiências fúnebres e cinzentas de corpos insistentes, que não querem sair desse lugar.

Para alguém que trabalhava com edições de imagens e adorava fotografar lugares, as pessoas estranhavam aquelas minhas paredes limpas. Mas, há fantasmas que nos encontram em outros espaços, como se nos reivindicassem sua presença e função de nos colocar medo, que não entendem que eles podem continuar fantasmas, mas que nós, não podemos continuar para sempre crianças.

Foi assim que eles retornaram às paredes do corredor de minha casa, 13 anos após eu ter contemplado sua aparente beleza infernal, no formato de dois quadros de decoração. Eram de Edgar. Ele havia ganhado de seu avô. O velho, de 70 anos na época, herdara de uma antiga namorada da juventude, que morrera e os parentes não quiseram levar consigo nada que pertencesse à velha, inclusive a neta que morava com ela.

Eu não sei descrever direito meu estado: pálida, parada, nervosa, ou tudo ao mesmo tempo, diante do primeiro quadro já posto – e Edgar com o segundo na mão, pronto para colocar ao lado do outro, na parte esquerda da parede do corredor, localizado entre nosso quarto e a sala de estar. “Vovô quem me deu, falou que tenho que colocar no lado esquerdo para funcionar.” Vendo-me daquele jeito, comentou que poderia ser o calor. Nosso apartamento era pequeno, éramos jovens recém-casados, ele já havia me ajudado a organizar todas as minhas coisas, e aquele jeito dele paciente e despreocupado, não ligava para suas coisas, depois de seis meses, ainda em caixas.

No entanto, tínhamos um longo feriado de finados pelo fim de semana. Isso motivou a organização de tudo. Tentei me recompor, lembrar que eu não tinha mais nove anos de idade. E, achar, só achar que tive a impressão de que o menino louro de olhos verdes e com um bichano nas mãos, já todo dono do espaço, não mais claro agora, piscou para mim. Fechei os olhos e pensei, foi só impressão. Isso eram histórias que minha avó contava! Só histórias.

Caminhei até o fim do corredor para sentir o vento que entrava pela janela. Senti ouvir quatro passos juntos aos meus, às vezes leves, como plumas, ou como os de uma

criança. Olhei para trás, instintivamente em direção ao quadro, não vi o menino lá. Tremi todo o corpo. Fechei bem forte os olhos, convenci-me de que foi o medo, pois estava sem os óculos. E, das vantagens da miopia, não temos certeza do que vemos de longe.

Ao abri-los dei com a presença de Edgar. Agora, perto de minha visão, não pude não observar seu rosto, havia uns três riscados, simulando unhas de gato. Eu, já quase em pânico; ele, brincalhão, abraçou-me, alegando: “Foi o gatinho do quadro que saiu e me arranhou, amor!”, e saiu pela casa aos risos.

Atrás dele, não tive como não encarar as duas macabras e reconhecidas imagens, as quais, não queria mais reencontrar. No entanto, elas estavam ali, de novo, penduradas em minhas paredes, que de repente ficaram escuras e sombrias no meio do branco gelo que tanto insisti em pintá-las. Ele, olhos e cabelos de um querubim, que saiu do céu para provocar o mal na Terra – com um gato branco nas mãos, de um colarinho preto entre os pelos e unhas enormes prontas para atacar. Ela, com suas duas tranças longas, cabisbaixa e que despertava a noite, para nos enrolar em seus fios de Medusa e nos sufocar. Assim como amanheceu minha avó! E tia Glória, tinha certeza da origem da corda de Rapunzel que encontraram amarrada ao pescoço de minha avó.

Foi também tia Glória, quem mandou queimar todos os pertences de minha avó. Passei pelo corredor como se passasse pelo rio Estige entre as almas jogadas da barca de Caronte, com olhos cerrados, atropelando os transeuntes, se passei por Dante ou Virgílio, ignorei-os, só queria sair daquele corredor da morte que se formava dentro de minha casa, procurando um caminho para entender o porquê os quadros não foram queimados na inquisição imposta por tia Glória.

Já estava anoitecendo, Edgar estava cansado de sua faxina, e dessa vez não fiquei no escritório editando as revistas. Acompanhei Edgar mesmo sem sono, para evitar passar pelo corredor, sozinha depois. Pela noite, ouvimos muitos miados. O que incomodou bastante Edgar. A noite se prolongou mais do que devia, a luz da lua parecia uma grande lâmpada acesa no meio do teto do quarto, e consegui adormecer por alguns minutos. Edgar se mexia como se lutasse com os lençóis; aquilo não me incomodou, preocupou-me. Ele dormia sempre de forma muito sossegada, eu sempre criticava esse jeito de morto dele dormir. Foi quando ouvi a porta bater muito forte.

Não queria ousar levantar e ver o que se passava, porém, Edgar agonizava ao meu lado. Eu suportei o medo. Abri meus olhos, vi meu marido abatendo-se com cabelos, como se fossem corda no pescoço. Às pressas, tirei aquilo do pescoço dele, joguei uma trança

enorme no chão. Edgar acordou e pediu um copo com água. “Querida, quero água, tive um pesadelo.” Levantei para buscá-lo, a cozinha não era distante. Tínhamos um apartamento muito pequeno, e o corredor para mim, de pequenos passos tornou-se um labirinto de Fauno.

Não obstante, o “Querida, preciso de água.” em agonia de Edgar, fez com que eu tirasse meus óculos, fechasse lentamente os olhos. Evitei mirar os quadros. Não sei como cheguei à geladeira, nem como regressei ao quarto. Voltei com o copo com água, e ao pegar a maçaneta para fechar a porta, senti passando entre meus pés aquela cabeleira; observei atônita: a menina que se arrastava na parede, puxava lentamente seu cabelo para dentro do quadro.

Pela manhã, acordei com Edgar contemplando os quadros. Brincalhão como sempre: “Querida, essa menina andou aprontando ontem à noite, suas tranças estão bagunçadas.” E, tive que concordar, de fato, uma das tranças estava desfeita. Enquanto Edgar voltava à mesa para acabar de tomar café, uma voz tímida veio a mim: “Graça, voltei para brincar com você...”

Aquilo me deu calafrios. Mais calafrios, ao ouvi Edgar alegar que o gato do vizinho estava no corredor, à noite passada, quando ele levantou para ir ao banheiro. Pediu para mim: “não deixe a porta ou janelas abertas, por favor.” Ele não gostava de gatos. Entretanto, eu não tinha mania de deixar portas e janelas abertas. E, para ter esta certeza, depois do café, olhei todos os espaços do apartamento, e todos estavam fechados.

Sai para colocar o lixo lá fora, encontrei Omar, o síndico do prédio. Perguntei qual dos vizinhos tinha um gato. Ele respondeu nenhum. Em todo o prédio, só uma criança no quarto andar tinha um cachorro, e este era o único animal em todo o prédio. Retornei a minha casa. Edgar estava no escritório arrumando seus livros na estante. E passei a estar perto dele, desde o dia em que os quadros foram instalados na parede do corredor. Não sei se foram histórias de tia Glória, mas, agora, olhava para ele: seu rosto com três riscos, e seu pescoço muito vermelho, com marcas de cabelos entrançados, como uma corda enroscada ao pescoço.

Para ele, alguns objetos tinham caído sobre seu rosto na bagunça de suas caixas espalhadas pelo chão. E, o seu pesadelo fora tão real que imaginou enrolar o lençol no pescoço. Agradeceu por eu ter tirado o lençol do pescoço dele. Mas, naquela noite, ele nem sequer havia usado o lençol.

Perguntei como os quadros tinham chegado a seu avô. Ele simplesmente respondeu que tinham sido entregues por alguém que deixou na porta da casa, com um bilhete assinado por Laura. Laura foi minha avó. E seu desejo era que ninguém possuísse esses quadros. Foi quando abri minha pandora do passado. Minha avó brigava comigo insistentemente, para que eu não brincasse com a moça no corredor. Ela chegava só a noitinha para brincar comigo. Não saía do corredor quando eu ia ou para a sala, cozinha ou lá fora. Ela também tinha medo do menino, por isso, só saía à noite, pelas paredes, para ele não perceber.

Vagamente tentava lembrar o rosto da menina. Lembrei-me das tranças. Ela tinha tranças! Ela tinha... tinha... tinha tranças! Aquela imagem foi sendo retecida em minha memória, não podia ser que eu brincava com uma menina que saía do quadro para brincar comigo! Ou eu a imaginei em minhas brincadeiras? Mas, se imaginei... como minha avó sabia? E, o menino que eu não brincava com ele e o via correndo pelo corredor da casa de minha avó, atrás do seu gato branco? Aquilo foi corroendo minha mente. Despertei-me, avistei os quadros. Ela estava lá, ele? Onde estaria ele? E Edgar?

Levantei-me da cadeira com uma força sobre-humana. Xícaras e pratos foram arremessados involuntariamente pelos ares e pelo chão. Fui ao escritório, Edgar estava jogado e se esperneando no chão, estava sendo atacado por um gato branco. Com minha ajuda, conseguimos nos livrar do bichano que saiu correndo em direção ao corredor, eu fiquei entre seguí o gato para ver aonde iria, ou ficar para ajudar Edgar. E o menino? Quando cheguei ao corredor, o menino estava ajudando o gato a entrar no quadro. Aquela cena pavorosa me desesperou!

Eu não poderia estar louca, vendo o rosto ensanguentado de Edgar, amaldiçoando o gato que nem existia de verdade. Veio à vizinhança. Edgar indignado queria chamar a polícia, culpar alguém por ser dono do gato, mas quem? Depois de um tempo, conseguimos acalmá-lo. Os vizinhos dispersaram. Uma delas antes de sair, olhou fixamente para o corredor. Era uma velha do interior de Vigia, que agora, estava morando com a filha na capital. “É, o quadro moça! Leve para a igreja ou para o cemitério. São os lugares onde eles têm medo de sair! Enquanto eles estiverem aí: quando você passar por eles, eles sairão da parede. E, irão atacar você!”.

Aquelas palavras me deram a certeza do que eu pensava sobre os quadros na parede do corredor. Não esperei nem Edgar se recuperar. Pedi para levar os quadros para enfeitar o túmulo do avô dele. Era dia de finados, ele deveria ir mesmo ao cemitério prestar

suas homenagens fúnebres ao avô. Eu não o deixei levá-los sozinho. Supliquei a velha Irene, para ela fazer este serviço conosco.

À tardezinha, saímos em direção ao cemitério Santa Izabel. Irene retirou os quadros da sacola, murmurando uma oração. E uma coisa, despertou minha atenção. As tranças estavam desfeitas. O gato já não tinha mais a mancha preta no meio da bola de pelos brancos, e os olhos do menino desafiadores e enormes que sempre me encaravam, assim como os da menina, agora estavam fechados.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

O gato amarelo

POR ROZZ MESSIAS

Sinopse: Uma reunião familiar agradável para comemoração da Páscoa, crianças felizes, um gato gordo e amarelo. À noite enquanto todos descansam o sobrenatural acontece... Pela manhã uma tragédia irreversível!

Rozz Messias é contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, de "Papai, Tem Monstro?", "Entrelaçados", "Ao Seu Encontro", "Encontro com a morte", "Contos de suspense e de morte", "Lamentos Noctívagos" e "Poetizando. Premiada duas vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, no Projeto Cordel Extraordinário. Participa de 40 antologias de contos e poesias. Organizou a trilogia "Lendas pela mundo" pela Dark Books.

Eliana desligou o alarme do celular enquanto juntava forças para levantar-se. Era uma manhã ensolarada do dia dez de abril. Após tomar um café da manhã leve, seguiu para a casa da mãe, onde passariam o dia cozinhando inúmeros pratos para o almoço de Páscoa.

Era uma tradição familiar, todo ano mãe e filhas definiam um cardápio simples para o almoço de confraternização, faziam as compras necessárias e providenciavam até uma decoração. Mas alguns dias antes era comum uma delas inventar um prato diferente, novos convidados entravam na lista e no sábado de aleluia alguém era forçado a ir de última hora ao mercado, sobrecarregando as que ficavam para cozinhar.

Ela não gostava de datas comemorativas nem de confraternizações familiares, preferia comprar uma refeição pronta, comer em sua própria casa com o marido e os filhos e tirar uma soneca depois do almoço. Mas era difícil romper tradições, então acabou repetindo tudo o que não gostava ano após ano, com seus filhos e sobrinhos.

Cozinhar a várias mãos era um costume de sua família. As quatro mulheres bebiam vinho, lembravam casos da infância e discordavam sobre muita coisa. As três irmãs eram diferentes, não na aparência, mas na forma de ver a vida. Mesmo assim, eram extremamente unidas, o que tentavam repassar aos filhos.

Foi assim naquela Páscoa. No fim do dia, embora estivessem cansadas, a casa tinha um cheiro de comida caseira e havia ovos e coelhos decorando o ambiente.

No domingo de manhã a avó montou a mesa de sobremesas que duraria uma semana, e logo a campainha começou a tocar. Portas de carros abriam e fechavam, parentes e amigos encheram a grande casa da família. Alguns traziam potes com comida, outros chegavam com chocolates que eram colocados em cima da mesa. Todos falavam ao mesmo tempo, alegres, querendo contar e saber as novidades ocorridas desde o último encontro familiar.

As crianças muito bem vestidas corriam pela casa, subindo e descendo escadas e beliscando alguns alimentos. Em pouco tempo estavam descabeladas e com a roupa lambuzada.

O avô conversava com os genros enquanto tomavam cerveja gelada para amenizar o calor. A avó corria para lá e pra cá, verificando se não faltava nenhum detalhe. Eliana reclamava de dor nos pés, enquanto Eva e Elisa, suas irmãs, retocavam a maquiagem para as fotos. Uma música tocava atrapalhando a comunicação de todos.

Estava quase na hora do almoço quando Maria desceu as escadas carregando um grande gato amarelo. Eliana, sua mãe, tentou argumentar que largasse o bicho pois iria se encher de pelos, mas Elisa insistiu que era festa e a menina podia ficar com o gato sim. Vovó contou que o gato apareceu do nada e passou a morar com eles. Vovô comentou que não gostava do animal, pois a urina dele deixava a casa fedida.

A alimentação foi servida, todos comeram e beberam, conversaram e riram. Depois se sentaram para abrir os chocolates na grande sala de entrada.

Quando o dia chegou ao fim, algumas crianças dormiam no colo dos pais ou no grande tapete da sala, em meio aos brinquedos. As famílias iniciaram as despedidas, combinando de se encontrarem de novo no aniversário da vovó.

Eliana deu banho nos filhos e era noitinha quando seguiu para o quarto de hóspedes, onde dormiriam, pois era a que morava mais distante da casa dos pais. Iria embora na segunda-feira pela manhã, quando o marido chegaria de viagem e seria buscado no Aeroporto.

As luzes foram apagadas, todos de pijamas desmaiaram de sono em suas respectivas camas. Maria levou o grande gato para o quarto, o bichano ronronava dengoso, após ter conquistado a todos.

Eliana acordou de madrugada com vontade de ir ao banheiro. Levantou-se sonolenta caminhando no piloto automático. Quando voltou ao quarto ficou naquele estado semiacordado que todos conhecemos. O corpo dormia, cansado, mas a mente continuou desperta, como se pudesse prever algum acontecimento.

Com os olhos entreabertos, Eliana pôde ver a sombra do gato amarelo sair dos braços de Maria e andar pelo quarto, farejando tudo. Passou de cama em cama, detendo-se na de Pedro, o filho caçula de Eliana.

A mãe debateu-se no sono, tentou se levantar, mas o corpo estava pesado e apenas o espírito continuava alerta.

O gato aproximou-se ainda mais de Pedro, a sombra avolumando-se e as patas dianteiras criando grandes garras. Devagar o bichano correu as garras sobre o rosto da criança, abrindo a pele que sangrou.

Eliane pulou da cama, mas nada aconteceu, ela estava atada, observando sem nada poder fazer. O gato gordo ignorava tudo ao redor, concentrado em passar a língua áspera no rosto de Pedro, lambendo o sangue que escorria.

A mãe agitou-se, virou-se na cama em agonia, mas seu corpo continuou parado e dormente. Do outro lado do quarto, na pequena cama, o menino ainda dormia como se também estivesse anestesiado.

Devagar, o gato saboreou o sangue, lambeu todo o rosto da criança e quando Eliana imaginou que o horror havia acabado, o felino levantou novamente a pata, aprofundando os arranhões no rosto de Pedro, expondo a carne. Passou então a morder a criança, como se degustasse um saboroso petisco. Mordia e mastigava, lambia as patas, olhava ao redor, parava para ouvir os barulhos e retornava à alimentação.

Os movimentos do gato eram calmos, não fazia nenhum barulho. O garoto parou de respirar, a vida extinta do corpo. Morreu dormindo. Pela manhã, foi encontrado com o rosto deformado, sangue e pele espalhados pela cama.

No colchão no chão, Maria dormia abraçada ao gato, que ronronava tranquilo e belo. A mãe do outro lado do quarto também amanheceu sem vida, um ataque cardíaco fulminante, segundo o médico do IML.





O GUARDIÃO DA TUMBA APRESENTA O CONTO

Quando os mortos se levantaram

POR ROBERTO SCHIMA

Sinopse: Em conversa com um caminhoneiro, um repórter da capital toma conhecimento de uma minúscula cidade, onde dizem que, contrariando toda a lógica, os mortos puseram o padre para correr de lá. Descrente e desiludido em trabalhar para um tablóide sensacionalista, o repórter decide aceitar o desafio, mais pela oportunidade de ganhar uma viagem e desfrutar o sossego do interior. Lá chegando, entra em contato com o coveiro e, a partir daí, mergulha em um mundo de pecado, feitiçaria e corpos em decomposição.

Roberto Schima é neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso" etc. Participa de várias antologias, sendo que o conto "A Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Contato: rschima@bol.com.br.

O correu numa cidade pequena, de nome tão estranho quanto estranho havia sido o ocorrido.
Pimpolho.

Era esse o nome do lugar. Já ouviram falar? Eu nunca. Descobri por acaso através de um caminhoneiro que percorria todos os rincões do país transportando bobinas de papel. Ele as trazia também para a gráfica do jornal em que eu trabalhava e, de vez em quando, calhava de nos encontrarmos num bar próximo.

— Você é repórter, não é? — perguntou-me um dia.

— Sou... — respondi naquele inevitável sentimento de orgulho e constrangimento.

— Sou sim.

Orgulho porque ser repórter era um sonho de garoto realizado. Sabe, desde pequeno eu gostava de anotar as coisas no papel. O constrangimento ficou por conta de, após várias tentativas frustradas em conseguir emprego num jornal respeitável, fui parar num jornaleco de quinta categoria, que sobrevivia menos pelas reportagens estapafúrdias do que pelas fotos de mulher pelada estampadas na primeira página.

Mas, retornando à vaca fria, o tal motorista contou-me sobre a tal cidade.

— Você tem que ir até lá! — falou.

— Por quê? — indaguei, enquanto mastigava um sanduíche.

Ele olhou para os lados, como se fosse proferir uma blasfêmia.

— Os mortos de lá puseram o padre pra correr!

Eu quase me engasguei com os farelos. Isso era bem o tipo de coisa que o jornal para o qual trabalhava iria adorar, mas não eu. Não fosse pela parte do meio do meu nome, eu teria milhares de homônimos. Por isso, assinava minhas matérias sem ela, só nome e sobrenome. Afinal, ainda nutria a esperança de um emprego decente.

Estava prestes a deixar a conversa de lado quando pensei comigo: por que não? Certamente, seria mais uma história folclórica que todo lugarejo guardava. Todavia, se isso me possibilitasse uma viagem a custa do jornal e alguns dias longe do escritório... Por que não?

O chefe da redação topou na hora.

Não foi fácil achar Pimpolho, isso eu posso dizer. Chamar o lugar de cidade era um exagero. Era minúsculo, um povoado. Não digo isso em tom negativo. Na verdade, fiquei encantado pela quietude, rusticidade e beleza simples daquele fim de mundo. Havia uma

serenidade na fisionomia de seus habitantes e na sólida construção de suas casas que não existia na capital.

Como um bom paulistano, sem a menor sutileza e um ranço de prepotência, perguntei ao primeiro cidadão que encontrei:

— Pode me contar sobre os mortos que levantaram?

O sujeito, primeiramente espantado ao ver um forasteiro, fugiu em seguida feito o diabo da cruz. Recriminei-me e optei por uma abordagem mais sutil. De acordo com o relato do caminhoneiro, os mortos saíram de seus caixões, foram atrás do padre, deram-lhe uma coça e ele desaparecera. Então, eu tinha duas opções pela frente: o cemitério ou a igreja.

Tentei o primeiro e, lá chegando perguntei pelo coveiro. Era um caboclo de meia idade chamado Bira. Cheirava a poeira, suor e algo mais, um odor pungente que só pude classificar como sendo "cheiro de defunto". Apesar disso, era uma pessoa simpática. Corria o horário de almoço e ofereci pagar-lhe a refeição enquanto conversávamos. Primeiro, elogiei a cidade, quis saber algo da história dela, como as pessoas viviam, sobre o cemitério, há quanto tempo lá trabalhava. Cautelosamente, mencionei a questão dos mortos, se ele sabia de algo incomum ocorrido nos últimos dias. Seu garfo deixou de subir e descer. Achei que fosse levantar da mesa e sair. Não. Respirou fundo e começou a contar.

Uma menina chamada Circe fora acometida por uma enfermidade. Morava com a mãe na zona rural, mas esta não dispunha de automóvel ou telefone. A pequena falecera. A mãe, Iracema, levava a filha de carroça até o cemitério.

Lá chegando, porém, Padre Bento recusara a autorizar o enterro ali.

— Por quê?

— Circe era filha de mãe solteira — explicou Bira, cabisbaixo, de boca cheia. — Não fosse o suficiente, Iracema era suspeita de praticar feitiçaria.

Tive a impressão de voltar séculos no tempo.

"Feitiçaria?"

— A administração do cemitério é responsabilidade do município, não cabe ao padre decidir isso.

— O prefeito é primo dele — falou, como se justificasse tudo. — Iracema não pôde dar um enterro decente à filha e fez todo o caminho de volta, levando o corpo na carroça, naquele calor. Isso não foi coisa de Deus.

A partir daí, vários eventos ruins abateram-se sobre a cidade: a seca aumentara, a lavoura secara, o gado morrera, as famílias passaram necessidade, invadiram as fazendas dos ricos. Não tardara até atribuírem os infortúnios à obra de bruxaria e culparem a mãe de Circe. Um bando de gente correrá para lá. Ao lado do casebre, descobriram um monte de terra sob o qual Iracema enterrara a filha. Junto ao túmulo, o corpo da mulher e um caneco de veneno.

— Infeliz! E o que fizeram? Enterraram a mãe ao lado da filha?

— Atearam fogo ao casebre, salgaram a terra e voltaram.

— Enterraram a mãe? — insisti.

— Não. Deixaram do jeito que estava... como o padre mandou.

Até eu que não era religioso ou dado a superstições fiquei chocado. Esse tal Padre Bento nunca ouvira falar sobre a caridade cristã?

Não obstante, aquilo não fizera diminuir a seca.

Um dia, por uma necessidade qualquer, fora feita a exumação de um corpo no cemitério. Esse desagradável mister coubera ao pacato Bira. Qual não fora o espanto de todos ao verificarem que o caixão estava vazio. Não tinha sinal algum de violação. Depois, fora por ocasião da abertura de determinadas sepulturas a fim de transferirem os restos mortais para o ossário. Todavia, os ossos sumiram. Em ambos os casos, fora como se tivessem virado fumaça e, através de orifícios nos caixões e na terra, emergissem de madrugada na forma de nevoeiro.

Não tardara a cair nos ouvidos dos habitantes de Pimpolho. E, muito menos, lembrarem de Circe e Iracema. Agora, porém, disseram tratar-se de castigo: não em relação às duas infelizes, mas àqueles que não providenciaram um enterro digno para ambas, independentemente de credos ou pecados.

E as autoridades, ante o clamor público, determinaram em caráter excepcional que, por amostragem, outros caixões fossem abertos, tanto antigos quanto mais recentes.

Nessa altura, fazia tempo que a minha vontade de comer tinha ido para o espaço, ainda mais diante da pedagógica descrição de Bira sobre o quão desagradável era abrir um caixão contendo um defunto fresco: os gases, os líquidos, o fedor e os vermes.

Felizmente para ele — se posso assim dizer —, nada fora encontrado no interior de cada sepultura sorteada, exceto algumas mechas de cabelo imundos e vestígios de trapos nos casos mais antigos.

Fora um mistério que, por não solucionado, as autoridades fizeram de tudo para abafar, algo tão eficaz quanto apagar um incêndio com copinhos descartáveis.

Por fim, segundo Bira soube de um médico que cuidara do padre, em certa noite o religioso preparava-se para dormir, quando escutara ruídos feito unhas arranhado tábuas, e sussurros, e passos arrastados. Tivera a impressão de observar vultos pelos cantos e corredores. De repente, uma voz de mulher vociferara em seus ouvidos: *VOCÊ!* Sobressaltado, chegara-lhe às narinas o cheiro inconfundível de carne em decomposição. Apavorara-se e correria para a porta, esquecido das lições que transmitira, de tudo o que aprendera enquanto clérigo, de sua fé. Contudo, o caminho estava obstruído por um nevoeiro agourento como uma nuvem de tempestade. Em seguida, essa bruma pestilenta condensara-se nos corpos desaparecidos do cemitério, em todos os estágios da putrefação. Entre eles, os corpos de Circe e sua mãe. E esta abriu os lábios inchados e trovejara numa voz distante, carregada de fúria e amargura:

"Por sua recusa em permitir o enterro de minha filha em campo santo, a alma dela vagará pela eternidade no inferno. Mas não caminhará só, padre, pois a sua merece idêntico destino!"

De tanto esforço, a boca rasgara-se, emanando um líquido espesso e esverdeado.

Os corpos aproximaram-se mais e mais, cercaram o religioso e fecharam-se em círculos cada vez menores até os incontáveis murmúrios do além tornarem-se uma única voz. E um grito horrendo e inumano atravessou a interminável escuridão da noite.

Era o Padre Bento.

Fora encontrado na manhã seguinte: lívido, trêmulo e balbuciando coisas sem sentido. Levado ao médico, este escutara as frases desconexas até formar um quadro daquilo que o paciente acreditava ter presenciado.

— O que aconteceu ao padre? — perguntei.

O coveiro deu de ombros.

— Dizem que fugiu do consultório. Não acharam na igreja e em lugar nenhum da cidade. Foi procurado até nas cidades vizinhas. Nada.

— E o que você acha que aconteceu, Bira?

O coveiro tirou os olhos no prato e me encarou.

— Sinceridade? Acho que os mortos levaram a alma dele. Depois, vieram pegar o corpo. O que importa é que, finalmente, alguém foi até o que sobrou da propriedade de Iracema, retirou seu corpo e o da filha e trouxe até aqui no cemitério. Isso devia ter sido

feito há mais tempo... Mas, elas estão bem. Enterrei-as aos pés de uma velha paineira. O senhor precisa ver. Ficou mais frondosa!

Tomou um gole de cerveja e, num pensamento súbito, completou:

— Quer saber? Do mesmo jeito que saíram, os corpos voltaram as suas covas. Vieram as chuvas, o campo floriu, as plantações vingaram, o gado engordou, as pessoas sorriram de novo. Agora, todos estão bem... menos o Padre Bento. Ele não teve o privilégio de ser enterrado em solo sagrado.

O almoço terminou, apertei-lhe a mão, agradecido, e lá se foi o coveiro Bira de volta ao seu triste, porém, muito necessário trabalho.

Tanto o médico quanto o prefeito recusaram-se a conceder uma entrevista. Outras pessoas com quem conversei corroboraram a versão de Bira.

Eu acertara na mosca.

O coveiro era quem tinha o maior conhecimento sobre o ocorrido. Na verdade, eu podia tê-lo apertado mais, fazê-lo falar sobre aquilo que me ficara evidente no decorrer da conversa, mas não foi necessário, pois já me decidira: aquela história não seria publicada.

Talvez, como Pimpolho, eu tivesse ficado antiquado. Não escreveria a reportagem em respeito à criança que originara toda a tribulação, à pobre Iracema, aos demais mortos de Pimpolho, mas, principalmente, em respeito ao simplório Ubirajara, coveiro do Cemitério Municipal da Cidade de Pimpolho.

Por quê?

Não me perguntem como eu adivinhara que ele era o pai de Circe: um piscar mais rápido de olhos, um tremor na voz, o arrependimento delineado no semblante, um tremor no garfo. Não importa. O que sei é que a nossa conversa fora mais do que uma entrevista, beirando a uma confissão de sua parte. E, como tal, seria resguardada pelo sigilo.

Telefonei para o chefe da redação, falei que era tudo bobagem. Ele mandou-me inventar uma história qualquer só para tapar buraco. Fiz isso. Ainda no quarto de hotel, rascunhei uma matéria. Citei uma cidade fictícia e narrei vários relatos envolvendo um lobisomem. Baseei-me em dezenas de histórias já existentes em nosso folclore. O monstro foi muito amedrontador, cavando covas a fim de devorar os mortos. Dei à criatura o nome de Bento.

Antes de partir de Pimpolho, retornei ao cemitério e depus flores nos túmulos de Circe e Iracema. Despedi-me de Ubirajara pela última vez. Ele fitou-me agradecido e, intuitivamente, eu soube que ele sabia que eu sabia. Deu para entender?

Curiosamente, a história do terrível lobisomem Bento foi uma das que mais fizeram sucesso no tablóide. Assinada pelo repórter João Silva, infelizmente não teve a continuidade pretendida pelos redatores, pois o mesmo demitiu-se pouco depois ao receber, finalmente, uma boa proposta de trabalho.

Quanto ao caminhoneiro do início da história, certamente, ficou desapontado. Está esperando a matéria dos mortos que se levantaram até hoje.

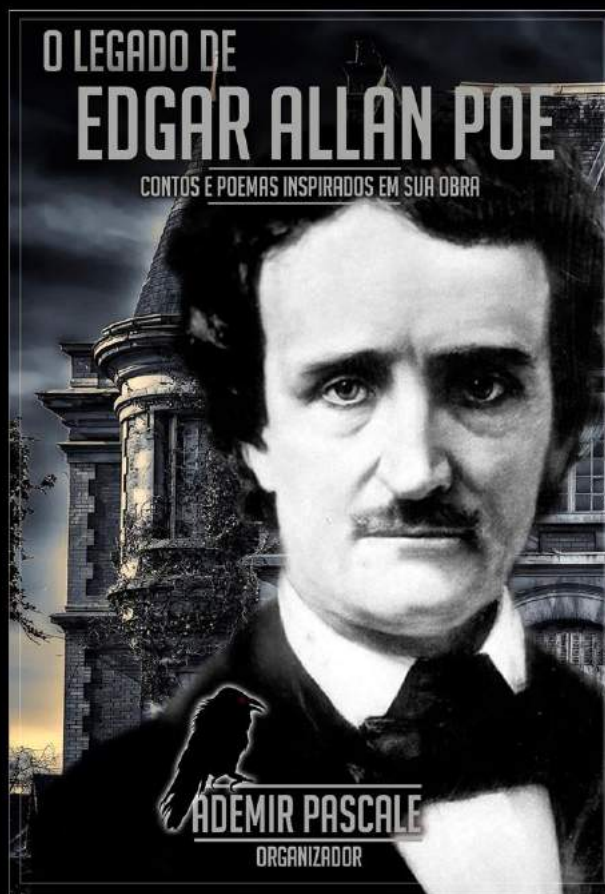
Paciência.

Não se pode agradar a todos.





O GUARDIÃO DA TUMBA RECOMENDA



BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

WW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM